Tribuna da Luta Operária

ANO IV — Nº 129 — DE 01 A 07 DE AGOSTO DE 1983

Cr$ 100,00

Corte no petróleo estrangula o país

O Conselho de Segurança Nacional, investido de funções de junta militar de fato, examina nos próximos dias o racionamento drástico do consumo de petróleo. O plano se vincula à iminência da moratória, negociada com os banqueiros e o Fundo Monetário às custas da soberania brasileira. E significará recessão e desemprego em níveis bem piores que os atuais. Leia na página 3.

A Nicarágua corre perigo

Reagan impõe o bloqueio naval à patria de Sandino.
Pág. 2

Porta-aviões americano: ao todo são 19 navios e 16 mil homens em armas na agressão que convulsiona toda a América Central

Operários falam sobre o êxito da greve geral

Operários paulistas e gaúchos, animados com o dia 21, falam em repetir a dose. Página 8

EDITORIAL

Lodaçal entreguista

O Conselho de Segurança Nacional (CSN) passou a funcionar abertamente como uma agência do FMI no Brasil. Em conluio com os banqueiros internacionais planeja agora um corte radical no consumo de petróleo. Visa com isto dois objetivos centrais: acelerar rapidamente a recessão e a destruição do parque industrial brasileiro; criar condições para uma moratória a gosto dos todo-poderosos credores estrangeiros. Anteriormente, também por exigência dos mesmos patrões, já havia sido imposto o decreto 2.045, transformando o arrocho salarial em questão de segurança nacional.

Tudo isto já era previsto e tem sido amplamente denunciado pelas mais diversas correntes de oposição. Sem abandonar o caminho da subserviência ao capital financeiro internacional, os atuais governantes não têm condições de solucionar os problemas cada vez mais profundos gerados pela crise econômica. E não têm como evitar que isto se reflita numa crise social e política em rápida evolução. Por isto mesmo pulam de um lado para outro, mentem, mudam hoje o que fizeram ontem, mas sempre agem contra os interesses do povo e da nação brasileira.

O plano entreguista que o CSN está em vias de consumar mostra que os governantes, mais uma vez, foram incapazes de tirar ensinamentos da realidade. Aliás os ministros já disseram publicamente que não têm nenhuma lição a tirar da greve geral do dia 21. São cegos e surdos. Só percebem as coisas quando são os próprios funcionários do FMI que lhes puxam as orelhas — como fez recentemente Ana Maria Jull, que chamou ministros e outras autoridades de mentirosos e obrigou-os a refazer todas as contas no relatório que enviaram para os chefes em Nova York.

Insensíveis diante do vulcão de revolta popular prestes a explodir, vão fechar inúmeras empresas, vão desempregar mais milhões de operários e trabalhadores de vários setores, vão sabotar as empresas estatais, vão elevar os preços dos combustíveis e, em conseqüência, de todos os demais produtos de consumo popular, vão marchar para novas capitulações frente ao FMI, até que, com a moratória em estudo, abram as portas para o total avassalamento do país pelos banqueiros internacionais.

Mas se os donos do poder estão desatinados e perdidos no lodaçal do entreguismo, a classe operária, as massas populares, os democratas e patriotas conseqüentes aprendem e avançam com as batalhas travadas.

A greve geral indicou um rumo a seguir. E a atitude do CSN provou a necessidade de outras greves e de outras formas de luta. Por se apoiar em orientações justas, a greve reforçou a luta contra o regime militar, contra o FMI, contra os pacotes da fome e do entreguismo. Elevou a consciência das massas na busca da liberdade e da independência nacional.

A greve geral confirmou que a classe operária tem força para mexer com todo o país. É a única classe capaz de encabeçar um movimento nacional de oposição que una as mais amplas forças políticas. Mas precisa elevar o seu grau de organização nas fábricas e nos sindicatos.

O movimento grevista revelou também as vacilações dentro da oposição e entre os dirigentes sindicais. O embate radical levou inclusive a que certos governadores oposicionistas, atemorizados pela chantagem do regime, permitissem a tutela federal até sobre as Polícias militares para reprimir o povo.

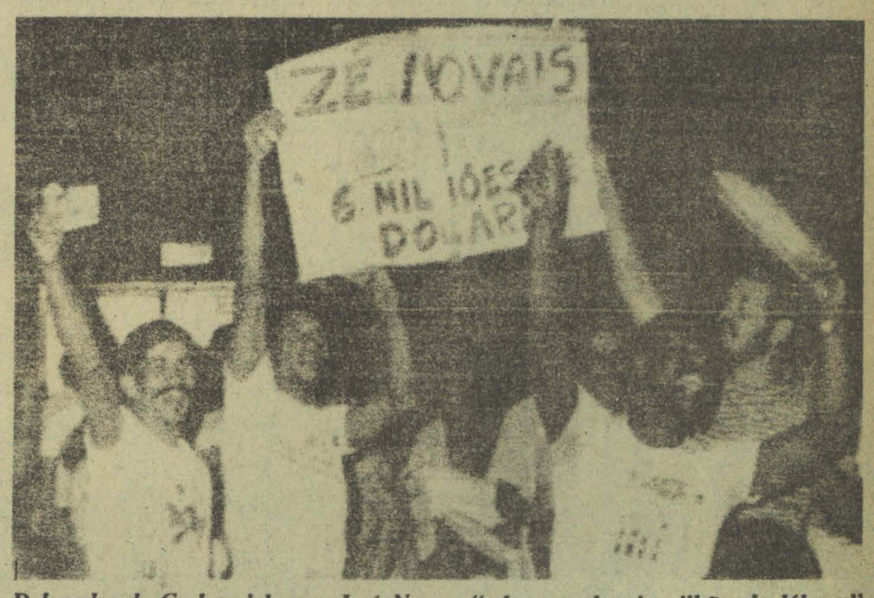
Os operários de vanguarda têm a responsabilidade de não permitir um recuo no caminho aberto pela greve geral. Mas ao mesmo tempo de não estreitar a frente democrática. Combater as vacilações, não para criar novos inimigos mas para conquistar novos aliados e consolidar os atuais.

Resitência contra a intervenção sindical

Dirigentes sindicais dos metroviários e dos bancários paulistas dão plantão nos Sindicatos e pressionam os interventores do governo. Exigem a devolução das entidades classistas. Pág. 4

Centreville comemora um ano de luta

São 500 famílias que dão um exemplo de organização de bairro e que inauguram as ocupações de casa como forma de combate popular. Pág. 8



Delegados do Ceclat picharam José Novaes "o homem de seis milhões de dólares"

O sindicalismo movido a dólares ataca no Brasil

Detectado um projeto para interferir no Conclat com 433 mil dólares (Cr$ 390 bilhões) financiado do exterior. Página 4

Os governos da oposição e a greve do dia 21

Boa parte dos governadores oposicionistas sucumbiu à chantagem do Planalto. Página 3

Metroviário de São Paulo conta como a categoria jogou um papel chave na greve geral contra o FMI.
fala o PAULO

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

A trama imperialista de invasão da Nicarágua

Enquanto em toda a América Latina se comemorava os 200 anos do nascimento do grande herói e combatente anti-colonial, Simon Bolívar, o presidente ianque Ronald Reagan deslanchava uma gigantesca e pérfida agressão ao continente no melhor estilo da famigerada "diplomacia da canhoneira". Num primeiro passo de virtual declaração de guerra aberta, o governo norte-americano anunciou o início de manobras militares na fronteira nicaragüense, enquanto mandava duas frotas de sua Marinha preparar um bloqueio naval nas costas do país centro-americano.

Militares americanos dirigem diretamente as operações armadas dentro da Nicarágua.

A escalada da invasão ianque

Esta nova escalada intervencionista começou na quarta-feira da semana passada, 20 de julho, com a invasão das águas territoriais nicaragüenses por duas lanchas da guarda costeira de Honduras que abriram fogo contra uma lancha da Nicarágua, dando início a um combate de 90 minutos. Na ocasião, dois navios da Marinha ianque permaneceram em águas da Nicarágua, no Golfo da Fonseca, dando clara cobertura ao ataque hondurenho. No dia seguinte foi a vez de um barco da Guarda Costeira de El Salvador perseguir e metralhar dois barcos pesqueiros da Nicarágua durante três horas dentro das águas deste país até se defrontar com uma lancha de Manágua. Antes, aviões hondurenhos já haviam invadido o espaço aéreo nicaraguense nas proximidades da cidade de Leon, centro das manifestações do 4º aniversário da Revolução Sandinista.

Ao mesmo tempo em Washington, o presidente Reagan afirmava em entrevista à imprensa que "enquanto o governo sandinista estiver no poder, será extremamente difícil encontrar uma solução para a crise da América Central". Por isso, num grandioso esforço de "paz", o chefe do Estado norte-americano anunciou que as Forças Armadas dos Estados Unidos e Honduras vão realizar manobras conjuntas na fronteira nicaragüense que se estenderão até o fim do ano.

Reagan fala em "defesa" da área

O mais grave na declaração de Reagan é a sua afirmação de que "tem inúmeras razões para realizar as manobras, entre elas a responsabilidade com a segurança do hemisfério".

De fato, trata-se de uma agressão militar de envergadura. Em geral, este tipo de exercício é programado para durar no máximo seis semanas. Agora os imperialistas ianques preparam o bloqueio naval da Nicarágua com duas forças-tarefa, com um porta-aviões cada, nas costas Atlântica e Pacífica do país. Cada porta-aviões carrega em média 70 caças a jato, suas atividades serão guiadas por aviões Awacs, estacionados em Honduras.

Em terra as manobras deverão envolver até dois mil soldados norte-americanos. Durante as operações, os ianques pretendem testar um sofisticado sistema de radar e reconhecimento, instalado em Honduras em fevereiro. Engenheiros americanos também serão deslocados para construir três pistas de pouso capazes de receber qualquer tipo de avião das Forças Armadas dos Estados Unidos. Há também planos para a construção de uma base aero-naval, na costa atlântica de Honduras, que custará 150 milhões de dólares.

Kissinger é o novo orientador

No próprio Congresso norte-americano surgiram denúncias de que Reagan, para já, vai aproveitar a realização das manobras para entregar mais armas, talvez até helicópteros, às tropas contra-revolucionárias treinadas pela CIA que atuam na Nicarágua. Confirmando esta informação, o dirigente da reacionária Força Democrática Nicaragüense, Adolfo Calero, afirmou que a presença de uma vasta força militar norte-americana na área seria um "escudo" para uma grande ofensiva dos somozistas no início de setembro.

A verdade é que os exercícios militares e o bloqueio fazem parte de um plano elaborado pela Casa Branca e pela CIA para acelerar os preparativos de invasão da Nicarágua, como reconheceu o próprio jornal norte-americano "Washington Post". É dentro deste plano que se formou uma comissão especial para tratar do problema centro-americano presidido pelo genocida arquireacionário Henry Kissinger, que articulou o golpe militar contra o presidente Allende no Chile em 1973 e era secretário de Estado norte-americano no auge da Guerra do Vietnã. Para ajudá-lo na nova tarefa subversiva, o atual embaixador dos EUA na Argentina, Harry Schlaudeman, foi nomeado para a direção executiva da nova comissão. Schlaudeman, por "coincidência", servia em São Domingos na época da intervenção dos Estados Unidos em 1965 e era o número dois da Embaixada em Santiago durante as operações de "desestabilização" de Allende em 1973.

Outra aventura como o Vietnã

Na segunda-feira o jornal "New York Times" citou altos funcionários do governo norte-americano segundo os quais o presidente Reagan pretende expandir as operações clandestinas na região a um nível sem precedentes desde a guerra do Vietnã, dando um grande reforço para os contra-revolucionários somozistas, que contam atualmente com dez mil homens. Esta ampliação de atividades subversivas clandestinas é tamanha que o Departamento de Defesa, encarregado de fornecer equipamento militar e suprimentos para a CIA, acredita que a demanda para certos tipos de assistência pode ser tão grande que afetará a capacidade operacional das forças americanas regulares. O governo da Nicarágua já denunciou que a CIA pretende simular um ataque a uma aldeia fronteiriça hondurenha, a fim de dar o pretexto para o início da guerra. Se juntarmos a isto a presença massiça de tropas norte-americanas junto às fronteiras nicaragüenses, o quandro da guerra vivida pelo belicismo ianque fica completo.

Treinamento de invasores na Flórida, Estados Unidos

Deter a mão assassina

O governo norte-americano enfrenta crescentes dificuldades a nível internacional para levar adiante o seu plano de agressão contra a Nicarágua. A maioria dos governos da Europa ocidental se opõe à política de Reagan para a América Central. Os países "moderados" do chamado grupo de Contadora — Colômbia, México, Panamá e Venezuela — criticaram veementemente as recentes declarações do presidente dos Estados Unidos.

Buscando aproveitar ao máximo estas brechas para paralisar a agressão imperialista ianque, o governo da Nicarágua intensificou sua ofensiva diplomática apresentando um plano de paz de seis pontos:

1. Compromisso para pôr fim à toda situação de beligerância com a assinatura imediata de um acordo de não-agressão entre Nicarágua e Honduras.

2. Fim de todo fornecimento de armas por parte de qualquer país às forças em conflito em El Salvador, para que esse povo possa resolver os seus problemas sem influência externa.

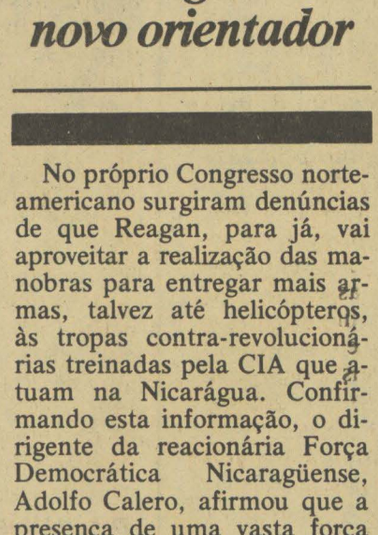
3. Fim de todo o apoio militar sob a forma de fornecimento de armas, treinamento, utilização de território para lançar agressões, ou qualquer outra forma de agressão, às forças contrárias a qualquer dos governos centro-americanos.

4. Acordos que garantam o respeito absoluto à auto-determinação dos povos centro-americanos e à não interferência nos assuntos internos de cada país.

5. O cessar das agressões e das discriminações econômicas a qualquer país da América Central.

6. Contra a instalação de bases militares estrangeiras no território da América Central, assim como a suspensão dos exercícios militares na área centro-americana com a participação de exércitos estrangeiros.

Além desta atividade no terreno diplomático, a solidariedade internacionalista da classe operária e dos povos latino-americanos e de todo o mundo representará papel decisivo para conter mais uma vez a mão criminosa do imperialismo norte-americano.



Ao lado uma combatente das milícias populares em defesa da soberania da Nicarágua. Abaixo grupo de mercenários treinados e armados pelos imperialistas ianques.

No Piauí um debate com o deputado Wall Ferraz sobre eleições diretas para presidente fechou a campanha. A sucursal foi cercada pela PM.

Encerrada a campanha Karl Marx da *TO*

Encerramos vitoriosamente a campanha Karl Marx da **Tribuna Operária.** Cumprimos a meta de vendas — chegamos a 51 mil e a meta era 50 mil. Ao fechar a edição passada calculamos que São Paulo repetiria a cota de 14 mil mas com o ímpeto do movimento grevista, os tribuneiros paulistas pediram 17 mil jornais, superando em 62% o objetivo que lhes cabia.

Por isto a nota da capa sobre o total de jornais saiu incorreta. Além de São Paulo, Minas superou as vendas em 28%, Rio Grande do Sul em 25%, o Maranhão em 27% e a Paraíba em 12%. Dos grandes Estados operários, só o Rio ficou abaixo da meta; assim mesmo alcançou 86% do programado. Bahia, Ceará, Mato Grosso e Piauí cumpriram 100% da meta.

Praticamente cumprimos a meta de assinaturas. Ao lançarmos a campanha estávamos com 2.285 assinaturas e fizemos 2.602 novas, chegando a um total de 4.887 quando o objetivo era alcançar 5 mil. Ou seja, 98%. Minas Gerais ultrapassou sua meta em 35% e o Maranhão em 105%. A Bahia, Paraíba, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina cumpriram a cota. Ressalve-se no entanto que em Santa Catarina isto se deve ao trabalho de um único tribuneiro, professor na cidade de Maravilha.

Quanto às finanças, ficamos aquém do desejado. Alcançamos pouco mais de 3 milhões de cruzeiros, aproximadamente 62% dos 5 milhões fixados. De certa forma é um reflexo da crise que atinje principalmente os trabalhadores, onde o jornal tem seus leitores e colaboradores. De qualquer forma, com um trabalho mais amplo é possível conseguir êxitos maiores. Tome-se o exemplo da Bahia, que superou em mais de 200 mil a meta, o de Minas, que superou em 100 mil, e até o Maranhão, com uma população tão pobre, que conseguiu 58 mil além do planejado.

OS MELHORES

Os Estados de Minas, Bahia, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Sul, cumpriram integralmente os três objetivos da campanha. Mostraram um enorme potencial de trabalho e contribuiram para fortalecer a imprensa operária. Os companheiros de São Paulo ao elevar a venda particularmente nestas últimas semanas, levaram com dedicação o jornal à classe operária.

Devido ao intenso movimento da luta de classes, com a greve geral do dia 21, só recebemos os últimos dados quase no fechamento da edição. E temos consciência de que ainda faltam algumas informações. Por tudo isto resolvemos divulgar os vencedores da campanha somente no próximo número. Consideramos que com isto teremos melhores condições de discutir e fazer justiça aos companheiros que trabalharam com tanta dedicação.

Resultados da Campanha

Sucursal	Venda	Novas Assinaturas	Finanças
Acre	50%	—	
Alagoas	87%	250	—
Amazonas	75%	30	200.000,00
Bahia	*100%*	*427*	*1.173.000,00*
Brasília	70%	20	*153.000,00*
Ceará	*100%*	91	—
Espírito Santo	91%	—	—
Goiás	50%	50	—
Mato Grosso	*100%*	*30*	120.000,00
Mato Grosso do Sul	50%	5	—
Maranhão	*127%*	*177*	*158.000,00*
Minas Gerais	*128%*	*273*	*700.000,00*
Pará	40%	20	—
Paraíba	*112%*	*131*	*130.000,00*
Paraná	60%		
Pernambuco	63%	47	—
Piauí	*100%*	22	*77.500.00*
Rio de Janeiro	86%	31	—
Rio Grande do Norte	50%	—	—
Rio Grande do Sul	*125%*	*241*	*250.000,00*
Santa Catarina	60%	*70*	*116.000,00*
São Paulo	*162%*	663	—
Sergipe	60%	24	—
TOTAL	**51.000**	**2602**	**3.077.500,00**

Desejo receber em casa a **Tribuna Operária**. Envio anexo cheque nominal a Editora Anita Garibaldi Ltda. R. Adonir an Barbosa, 53 (antiga Trav. Brig. Luis Antonio) — Bela Vista — São Paulo-SP. CEP 01318.

Anual de apoio (52 edições) - Cr$ 7.000,00
Anual Comum (52 edições) - Cr$ 3.500,00
Semestral de apoio (26 edições) - Cr$ 3.500,00
Semestral comum (26 edições) - Cr$ 1.750,00

Nome:
Endereço:
Cidade: CEP: Estado:
Telefone: Profissão:
Data:

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Greve geral indica novo patamar na luta de classes

A greve em Campinas: ficou claro o descontentamento popular.

A greve geral do dia 21 foi a primeira ação conjunta de envergadura em plano nacional dos operários e demais trabalhadores nos últimos 20 anos. Demonstrou uma grande unidade das massas contra o regime militar e em torno de pontos programáticos essenciais. Mas revelou também debilidades na articulação intersindical e na formação de um comando único.

Os operários em geral falam sobre a greve com entusiasmo. Mas alguns comentam que esperavam um movimento maior. Em parte isto se deve ao imenso trabalho de propaganda contra a greve realizado por todos os meios de comunicação burgueses. Mas é principalmente uma indicação de que o vasto descontentamento popular ainda não foi organizado o suficiente para se transformar em toda a força material de que é capaz. O ímpeto das massas ainda é contido pelas vacilações das direções sindicais e pela velha estrutura sindical atrelada ao Ministério do Trabalho.

A greve abriu, mesmo assim, um novo quadro para o movimento sindical. Os sindicatos operários passarão a representar um papel de maior destaque nas articulações intersindicais. Dentro do sindicalismo ganha força uma nova safra de ativistas e lideranças com imenso potencial de combatividade e consciência de classe. São jovens operários que a luta revela e projeta em cada fábrica e que se constituem no fator mais dinâmico para permitir que o impulso grevista seja capitalizado para a maior unidade e avanço político do movimento sindical.

Ao lado deste polo avançado, sobrevive a ação das correntes interessadas em aproveitar a greve para seus próprios objetivos particulares, de grupo. Já se revelou a atividade da Anampos, alimentada por dólares para promover o divisionismo. (Ver pág. 5) E aos poucos aparecem os planos de certos pelegos de reduzir a greve a um instrumento para buscar o diálogo com o regime. Estes dirigentes pelegos tratam de "reciclar-se" para manterem-se na cúpula sindical. Usam uma linguagem nova e apoiaram a greve inclusive com certa dedicação.

Temendo a mobilização das massas, no geral as direções sindicais preferiram orientar a greve geral para uma posição passiva: ficar em casa. E salientaram principalmente os aspectos econômicos da luta, diminuindo o seu caráter político e o confronto com o governo. Nisto inclusive fizeram coro tanto os pelegos "reciclados" como alguns sindicalistas que se autoproclamam combativos. Esta posição temerosa foi um dos pontos débeis da greve. Deu mais chance para a atividade de sabotagem descarada realizada pelos revisionistas do PCB, que onde puderam trabalharam contra a greve, e conseguiram impedir a paralisação no Rio, em Santos e outros locais.

As concepções errôneas e o pouco trabalho de base dificultaram as articulações intersindicais funcionassem como comando central. Em São Paulo, enquanto a Pró-CUT estadual não tinha poder de decisão, funcionaram pelo menos dois comandos: um no município de São Paulo, com o Sindicato dos Metalúrgicos à frente, e outro no ABC, sob a orientação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo.

Em plano nacional, a Pró-CUT limitou-se a observações gerais, sem controle da situação. A própria decisão da greve geral foi tomada pela reunião dos 137 sindicatos, que não foi convocada nem dirigida pela Pró-CUT. Esta fragilidade deve ser pesada nos planos de formação da CUT.

A greve geral mostrou que a luta de massas encontra-se em transição para um novo patamar. As conquistas meramente econômicas encontram sérios obstáculos.

Se a greve foi menor do que o anseio das massas, isto salienta o seu papel de primeiro sinal. É como a primeira onda que invade a praia muito na frente das outras. O bom observador vê que a maré está subindo e trata de preparar-se para as mudanças.

(Rogério Lustosa)

Unir contra o regime

A grande prova para os governos estaduais oposicionistas é a atitude diante do movimento popular. Ao elegê-los, as massas almejavam derrotar politicamente o regime militar, conquistando mais espaço para defender seus interesses e manifestar suas opiniões. Na greve do dia 21, boa parte dos governadores da oposição não soube cumprir o encargo que lhes foi dado pelo povo.

Na véspera da greve o vice-presidente Aureliano Chaves assinou decreto regulamentando o comando do Exército sobre as Polícias Militares, inclusive para *prevenir grave perturbação da ordem.*

No caso de São Paulo a truculência se revelou particularmente ativa. O comandante do II Exército foi em pessoa ameaçar o governador. E, em reunião do secretariado, o secretário da segurança, Paulo Pimentel, chantageou às claras: Afirmou que já estava assinada a intervenção federal em São Paulo e que a medida seria imediatamente executada caso as forças repressivas estaduais não entrassem em ação. O presidente em exercício do PMDB. Teotônio Vilela, em contundente protesto, denunciou esta verdadeira intervenção branca, mostrando que jamais um governador da oposição poderia ceder diante de tal imposição. E foi claro: "Não se admite vacilação ou ambigüidade. O Brasil precisa de definição".

A chantagem surtiu efeito. O próprio delegado da Polícia Federal, Romeu Tuma, disse que "o secretário da Segurança autorizou-me a entrar em contato com quem fosse necessário, para tirar da área qualquer elemento complicador". E completou: "Hoje não existe nenhum constrangimento da Polícia Federal com as Polícias Militar e Civil".

A PM agiu com a truculência característica da ditadura nestes 20 anos. O governador Montoro se isolou no mutismo. Não teve coragem de mobilizar a opinião pública democrática para defender o seu governo e a liberdade pela qual ele prometeu em campanha eleitoral trabalhar.

Em Minas, onde Tancredo já tinha se manifestado contra a greve, também houve arbitrariedades e a PM atacou uma manifestação pacífica. No Espírito Santo igualmente houve truculência. Até o deputado Josmar Pereira, do PMDB, foi preso, espancado e atirado violentamente num camburão. Foi largado depois num lugar ermo, numa ação típica dos grupos páramilitares muito conhecidos pelos brasileiros.

No Rio como não houve greve, com exceção de um movimento parcial nos estaleiros, não houve ação policial. Mas o governador Brizola fez questão de caluniar e atacar o movimento grevista, taxando-o entre outras coisas de divisionista! Aliás, o seu senso de "unidade" já foi muito bem explicitado pelo acordo que selou com o PDS para atacar o PMDB.

Todas estas capitulações diante da ofensiva do regime militar — agora sob a batuta do Conselho de Segurança Nacional — revelam concepções limitadas. Quando a situação exige soluções políticas de vulto, estes governadores se mostram políticos menores. Imaginam fazer uma boa administração sem se imiscuir na política nacional, sem somar com o vasto movimento de massas contra o regime militar e pela conquista da liberdade. Acabam se submetendo e atuando como intermediários do regime.

É hora de uma vigorosa guinada. Neste rumo o desastre é certo. O povo já se mostra indignado e com muita razão faz chacota com o tal "cassetete democrático". Os operários votaram na oposição porque desejam um governo de resistência e de luta contra o arbítrio e que tome iniciativas de emergência para melhorar suas condições de vida.

Em São Paulo choveram palmas e elogios do general Sérgio Pires e outras autoridades do regime à repressão. E o jornal "O Estado de S. Paulo" — porta-voz do que há de mais reacionário no país — defende o secretário da Segurança, porque usou e abusou do porrete; calunia e acusa os secretários e autoridades estaduais — como as do Metrô — que souberam respeitar os direitos dos trabalhadores, e ainda tem a petulância de exigir que o governador Montoro apóie *formalmente* a violência contra o povo.

Tudo isto é prova inequívoca de que o caminho da capitulação só serve aos fascistas. É hora de todos os democratas se unirem e exigirem que se cumpra o programa democrático discutido na campanha eleitoral e referendado por uma diferença de mais de 9 milhões de votos sobre o PDS. Em particular em São Paulo, onde o governo foi eleito com 5 milhões de votos, o governador Montoro tem amplas condições de não aceitar chantagens e não permitir que sua administração seja teleguiada de Brasília e muito menos que nas suas próprias filas se manifestem duas diretrizes, uma pela liberdade e outra pelo arbítrio. É isto que os trabalhadores lutarão para que se realize, para reforçar o combate ao regime.

(R.L.)

Foto: Luis Carlos Murauskas

A Polícia Militar reprimiu sob o comando da Polícia Federal.

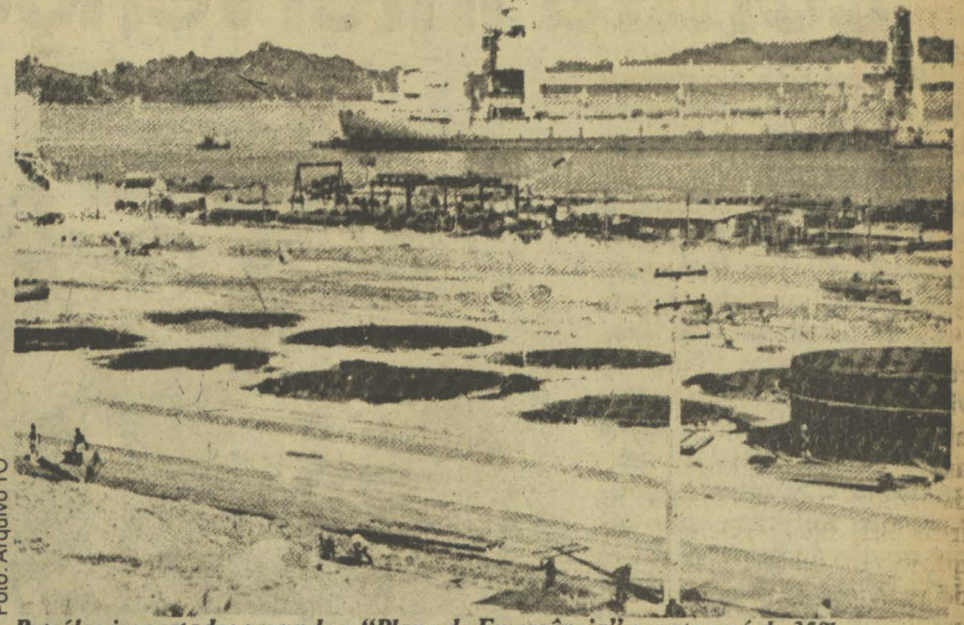


Foto: Arquivo TO

Petróleo importado: segundo o "Plano de Emergência" o corte será de 35%

CSN planeja o racionamento do petróleo

O Conselho de Segurança Nacional - hoje um tipo de junta militar no poder — reúne-se na primeira semana de agosto para examinar um corte drástico no consumo de petróleo. Sufocado pela dívida, sem dinheiro para importar desde o dia 15, o país está na iminência do racionamento de óleo, quer dizer colapso na economia e desemprego para milhões.

Já no dia 14 o Conselho de Segurança assumira o comando direto da economia — ou seja, da aplicação das instruções do FMI. Numa operação de guerra, baixara com o Decreto-Lei 2045 um pacote de arrocho salarial excepcionalmente violento, passando por cima das medidas anteriores.

As forças do imperialismo naturalmente gostaram do decreto 2045. O próprio presidente americano, Ronald Reagan encarregou-se pessoalmente de dizê-lo, em conversa telefônica com o general Figueiredo, na quarta-feira. Reagan disse que está muito feliz com o pacote, que "já está dando resultados". Mas isso não significou o fim das pressões.

Pelo contrário, agora que os entreguistas no poder deixaram o Brasil literalmente de joelhos, o FMI endurece mais as suas exigências. A forma da chantagem é adiar a conclusão do segundo acordo Brasil-FMI, que substituiria o primeiro, fracassado praticamente desde o dia seguinte à sua assinatura, no início do ano. Sem novo acordo, o Fundo não libera a segunda fatia do empréstimo que prometeu ao Brasil. Sem isto os banqueiros internacionais também não emprestam os novos dólares indispensáveis à sobrevivência do modelo econômico dependente.

O "PLANO DE EMERGÊNCIA"

O impasse vai se prolongando. Uma missão do FMI e outra dos banqueiros propriamente passaram várias semanas no Brasil, bisbilhotando e espionando. Outra missão do Fundo deve chegar este fim de semana. Mas não há sinais de novo acordo, já que a situação é ideal para os agiotas financeiros internacionais conseguirem mais vantagens no país. É nesse quadro que se encaixa a próxima reunião do Conselho de Segurança.

Segundo os porta-vozes oficiais, o CSN examinará um "plano de emergência" para reduzir o consumo de petróleo. Os senhores porta-vozes evitam cuidadosamente falar em racionamento, embora seja público que trata-se de racionamento mesmo. Também não revelam, mas é igualmente sabido, em que circunstâncias se daria o racionamento: no caso de uma moratória. Dizem que a moratória é só uma hipótese. Mas quem acredita?

Ao que se diz, o tal "plano de emergência" significará um corte brutal, de 35%, nas importações de petróleo. Seria a mesma coisa que declarar guerra ao Brasil. Basta dizer que, mesmo com toda a recessão que sofremos em 1983, a queda na importação de óleo não chega a 7%. Imagine-se o que significaria um corte cinco vezes maior. Seria um êxito considerável dos banqueiros e capitalistas multinacionais, desejosos de submeter o Brasil a um processo de desindustrialização acelerada.

"BENS IMÓVEIS" À VENDA

Fala-se ainda que o "Plano" contaria com *ajuda* americana. Os EUA forneceriam, na base da troca direta, 200 mil barrís diários de petróleo adquirido ao México, a preços baixos, pois os mexicanos também estão com a corda no pescoço. O Brasil pagaria em espécie, com soja, café, automóveis, etc. E talvez entre aí a sugestão feita quarta-feira pelo ministro da Indústria e Comércio, Camilo Pena. Disse ele que "se nós estamos exportando bens móveis para pagar a dívida, não vejo porque não vender bens imóveis". E mais: "Não vejo nada contra, desde que existam compradores a bons preços. Entre estas empresas estariam até algumas estatais". Seria como um leilão internacional de pedaços do Brasil.

GASOLINA SOBE 141%

Enquanto o Conselho de Segurança não se reúne, fala-se também numa majoração, a curtíssimo prazo, dos preços dos derivados de petróleo. A gasolina passaria para 403 cruzeiros o litro, no terceiro reajuste deste ano, totalizando um encarecimento de 141,3% em 120 dias!

Por último, vale lembrar que o endurecimento dos banqueiros e do FMI liga-se também às pressões americanas para atrelar o Brasil à sua política internacional de guerra. A potência imperialista governada pelo senhor Reagan, empenhada hoje numa agressão militar direta contra a América Central, precisa de "aliados seguros e cooperativos". Como o Brasil do CSN, por exemplo.

Advogados na luta pela Constituinte

De 1º a 4 de agosto realiza-se em São Paulo o Congresso Nacional de Advogados Pró-Constituinte. O objetivo do encontro segundo Duarte Garcia, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), "é fazer uma análise crítica, ampla e profunda da realidade nacional dando assim os primeiros passos concretos em direção à Constituinte". Também participarão cientistas políticos, economistas, parlamentares.

O entrosamento efetivo da OAB na luta por uma nova constituição é explicado por Duarte Garcia: "O poder, hoje, é ilegítimo e o restabelecimento de sua legitimidade não se fará apenas com eleições diretas. Torna-se indispensável a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, sem a qual o diploma constitucional existente receberá apenas novas emendas, não se removendo o vício da ilegitimidade. Sem uma nova constituição, fundamentada em princípios democráticos e diretrizes ajustadas à realidade nacional, não é possível a estabilidade da vida política institucional". E arremata: "A simples revisão ou parcial revogação das leis opressoras, entre as quais se destaca a Lei de Segurança Nacional, não afetarão a estrutura antipopular e arbitrária do sistema".

O Congresso, sediado na Faculdade de Direito da USP, aprofundará a discussão sobre os problemas de fundo do país, como a questão da soberania nacional, o modelo econômico, a estrutura agrária, etc.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Sindicatos em luta contra intervenção

"Estamos com a consciência tranqüila; encaminhamos a decisão da maior assembléia da categoria", afirma Paulo Soler, secretário geral afastado do Sindicato dos Metroviários. Já Augusto Campos, presidente cassado do Sindicato dos Bancários, completa: "Não estamos abalados; continuaremos nosso trabalho". Estas são as posições dos dirigentes dos dois Sindicatos paulistas que sofreram intervenção no dia da greve geral.

Para Soler "todos devem ir ao Sindicato, pressionar o interventor"

Na tarde do dia 21, quando já reinava a calma na capital paulista quase totalmente paralisada, uma notícia causou espanto e revolta: o ministro do Trabalho, o banqueiro Murilo Macedo, assinara a intervenção nos Sindicatos dos Metroviários e Bancários, cassando as suas diretorias.

Para Soler a explicação "para este golpe contra a liberdade e autonomia sindical" é simples: "O nosso Sindicato já estava na mira do governo federal, devido ao posicionamento claro em defesa dos interesses da categoria e do conjunto dos trabalhadores. A intervenção não é apenas pelo Metrô ser considerado serviço essencial. Nota-se também uma tentativa de responsabilizar parte do PMDB e do governo estadual pela greve, procurando isolar e desgastar os setores mais comprometidos com o povo". O Planalto não esperava uma resposta tão coesa e firme dos metroviários, surpreendendo-se com a paralisação de quase 100% da categoria.

Com a nomeação do interventor Nelson Gouveia o governo procura esfacelar o Sindicato. "Formalmente nós estamos proibidos de fazer qualquer reunião na sede", informa Soler, mas esclarece: "Mas não desistimos. Estamos orientando os companheiros para não se desassociarem e irem ao Sindicato. A intervenção dificulta nosso trabalho de organização, mas não o elimina. Nem daria num Sindicato onde 86% da categoria é sindicalizada". A sede do Sindicato continua bem freqüentada, a diretoria cassada dá plantões diários e visita os locais de trabalho.

"Ninguém se abalou. A diretoria nada mais fez que encaminhar uma decisão de 1/4 da categoria reunida em assembléia e que foi correspondida pela categoria que não foi trabalhar. O pessoal entendeu que a palavra de ordem de greve contra a política econômica do governo é justa", conclui Soler.

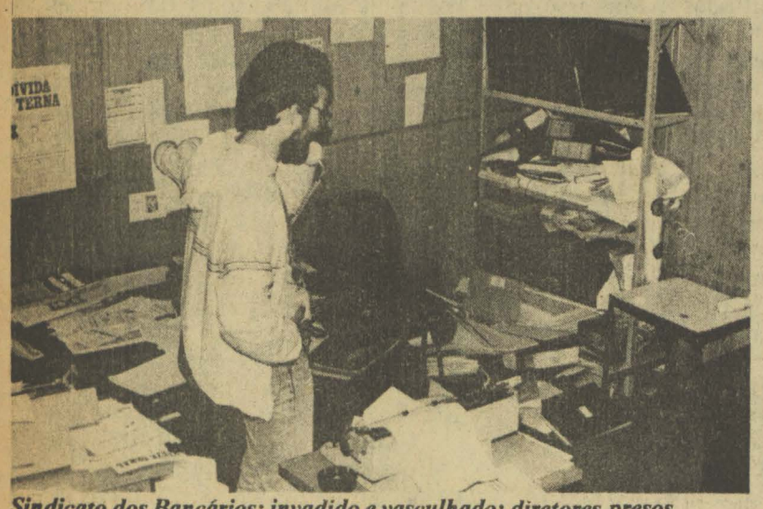
INTERVENTOR ACUADO

Augusto Campos, presidente cassado do Sindicato dos Bancários, soube da intervenção na Delegacia da Polícia Federal. Ele, mais sete diretores, um jornalista e quatro ativistas foram detidos um dia antes da greve por 12 agentes da PF que invadiram a sede do Sindicato. "O ministro ainda considera o trabalhador como caso de polícia", afirma Augusto para quem a intervenção se deve ao fato de "o nosso Sindicato ser um dos poucos que desenvolve uma imprensa sindical potente. Na conclamação da greve geral tinhamos um boletim diário com 50 mil exemplares".

"A diretoria cassada não vai parar seu trabalho de organização", diz Augusto. Já foram marcadas reuniões de bancos e a assembléia geral da campanha salarial. A sede, no 19º andar de um prédio na região central, continua cheia de bancários. Segundo uma funcionária do Sindicato "o interventor não vai agüentar por muito tempo a pressão. Ele vive escondido, não conversa com ninguém".

Abaixo as intervenções

É só o Sindicato respeitar a decisão de luta da categoria para que o governo dispare o tiro da intervenção — um instrumento arbitrário que evidencia a ausência de liberdades políticas e sindicais no país. Para quebrar esta estrutura atrelada não há atalhos: é necessário um Sindicato enraizado nas empresas, respaldado pelos trabalhadores, que não fique à mercê do governo; também se faz urgente caminhar para a unificação do movimento sindical, fator de força dos trabalhadores; e travar a luta que é de todo o povo, por liberdades políticas. Sem liberdade no país é um sonho pensar num sindicalismo livre e autônomo.



Sindicato dos Bancários: invadido e vasculhado; diretores presos

Na passeata os grevistas foram "liberando" todos os funcionários dos bancos

Sertãozinho parou com a greve geral

O 21 de julho, Dia Nacional de Greve, entrará para a história de Sertãozinho, pequeno município do interior paulista. Desde a Zanini com 3 mil operários até as pequenas oficinas; das grandes lojas até o menor "boteco"; do servente até o prefeito do PMDB, todos aderiram à greve contra a política econômica do governo. Cerca de 15 mil trabalhadores cruzaram os braços — a quase totalidade dos assalariados da cidade.

A greve começou na metalúrgica Zanini, a maior fábrica da região. Por decisão do Comando de Greve formou-se o primeiro piquete na empresa parando a turma que entraria às 22 horas; a turma que largaria à 1:30 parou à meia-noite por iniciativa dos ativistas sindicais que desligaram suas máquinas e num "arrastão" foram paralisando o restante das alas da firma. O piquete das cinco horas obteve adesão total dos outros dois turnos, das 6 e das 7 horas.

Parada a Zanini foram formados vários piquetes que fecharam as outras empresas menores. Vários caminhões de bóias-frias foram forçados a parar e depois de um rápido discurso os lavradores desciam dos paus-de-arara com o sorriso estampado no rosto. O comércio também parou. Organizou-se então uma passeata com cerca de 500 trabalhadores que partindo da sede do Sindicato dos Metalúrgicos atravessou toda a cidade. A população assistiu e apoiou uma combativa manifestação contra o regime militar, com faixas contra o FMI, o imperialismo e seus testas-de-ferro no Brasil.

Tôdas as agências bancárias da cidade foram cercadas pelos manifestantes que forçaram os gerentes a abrir às portas e liberarem os funcionários, que estavam "detidos" nos bancos fechados. No final houve um ato público que contou com mais de mil populares. Contudentes críticas foram feitas pelos oradores contra o governo militar responsável pela situação de miséria do povo e de entrega da nação.

Vários fatores contribuíram para o êxito desta jornada de luta. O Sindicato dos Metalúrgicos, tendo à frente seu presidente, Antonio Guerreiro, atirou-se com afinco na organização da paralisação. Inúmeros ativistas de vanguarda contribuíram decisivamente nos piquetes. Foi criada uma sólida unidade na frente democrática, com a adesão dos mais amplos e representativos setores políticos do município. O diretório municipal do PMDB deu todo apoio à luta e o deputado Waldir Trigo participou ativamente da passeata e da manifestação no centro da cidade.

(do correspondente em Sertãozinho)

Grevistas são maltratados em Pernambuco

Na greve do dia 21, que paralisou importantes fábricas em Recife, Pernambuco, a polícia agiu com violência. Foram presas 32 pessoas, sendo liberadas somente após o ato público no centro da capital que reuniu cerca de 10 mil populares. E conforme denúncia da professora Ivone os detidos sofreram maus-tratos no Dops da Secretaria de Segurança do Estado.

Duas mulheres foram obrigadas a serem fotografadas nuas, só não se efetivando a humilhação com o restante devido aos protestos do presos e a ação do advogado Francisco Netro. Durante o período em que estiveram presos não receberam qualquer alimentação. Os homens ficaram em celas sujas e infectas com lotação superior três vezes a sua capacidade normal. Durante todo o dia os familiares, representantes de entidades democráticas e sindicais e os parlamentares do PMDB Luciano Siqueira e Sergio Guerra líder da bancada, pressionaram no sentido de garantir a liberdade dos presos e a quebra da incomunicabilidade. O tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos foi chamado a depor no Dops. **(da sucursal)**

Feirantes têm nova diretoria em Maceió

Em assembléia com a presença de 300 associados tomou posse a nova diretoria da Associação Profissional dos Feirantes de Maceió, Alagoas. Foi reeleito como presidente José Luiz de Melo, fundador da entidade, e como diretores Moacir Barros, Antônio Pedro, Severino Noberto, Luis Francisco, Severino Fontes. José Luis afirmou que "temos notícia através da **Tribuna Operária** das perseguições que os feirantes e camelôs sofrem em outros Estados. Aproveitamos para conclamar todos os companheiros para que se organizem em entidades semelhantes a nossa. A solução é só com o fim desta política econômica e com a reforma agrária". **(da sucursal)**

5 mil gaúchos protestam no Dia do Colono

Quatro dias após a greve geral no Rio Grande do Sul, em Santa Rosa, no interior gaúcho, 5 mil agricultores realizaram uma concentração para protestar contra a atual política previdenciária do governo para o homem do campo. A manifestação fez parte da comemoração do Dia do Colono, 25 de julho, e nela foi lida a carta de reivindicação dos trabalhadores: equiparação da previdência rural com a urbana e aposentadoria integral ao homem e a mulher camponesa. "Estamos cansados de migalhas. Queremos um governo sério e justo. Não estamos pedindo favores, estamos pagando para não ter assistência", diz um trecho da carta.

Os agricultores querem ainda um esclarecimento sobre o destino dos 2,5 por cento que são descontados da renda anual bruta do agricultor, bem como o valor arrecadado pelo Estado. Na manifestação, que durou cerca de três horas, os oradores se sucederam na tribuna livre condenando a política agrícola do governo federal. Depois saíram em passeata pela avenida Rio Branco, a principal de Santa Rosa, portando cartazes e faixas de protesto.

No mesmo dia, em Cerro Largo, na região das Missões, mil agricultores de 12 Sindicatos da área realizaram uma assembléia para debater seus problemas e as formas de luta por melhores condições de atendimento previdenciário. A reunião tirou um documento que será entregue ao governo estadual, dando um prazo para que anuncie medidas positivas. Caso contrário os trabalhadores realizarão uma grande concentração em Porto Alegre. **(da sucursal)**

Reflexo da greve geral no Conclat

O Conclat ocorrerá um mês exato depois da greve geral do dia 21, e sob seu impacto direto. Embora ainda seja cedo para dizer tudo que o 21 de Julho significará para o Conclat, já é possível tirar algumas conseqüências: a reunião terá uma marca operária mais forte, uma base de unidade mais concreta, e um referência mais definida — a luta.

O caráter operário da greve foi patente. Em São Paulo, pararam em primeiro lugar os metalúrgicos, metroviários, químicos, coureiros, vidreiros e outras categorias tipicamente operárias. No Rio Grande do Sul, onde também houve paralisação generalizada, o destaque foram os metalúrgicos e operários da construção civil. Na maioria dos demais Estados as paralisações parciais foram de setores do proletariado fabril.

Isto traz a classe operária de volta e com força ao centro da luta sindical e do Conclat, que está destinado a ter forte participação proletária. Vale assinalar que o Conclat anterior, de 1981, em que pese seu papel histórico não teve uma marca operária tão forte. Das 1091 entidades presentes na Praia Grande, 392 eram de trabalhadores rurais; 211 eram associações; e dos 496 sindicatos urbanos, cerca de 40% pertenciam a categorias não operárias.

A luta pela unidade do movimento sindical também ganhou, com a greve geral, um patamar concreto de ação e luta. A greve mostrou que a absoluta maioria da classe operária está unida, na luta pelas bandeiras econômicas e políticas do 21 de julho. Essa unidade da classe impulsionará inevitavelmente uma maior coesão do movimento sindical, coibindo até certo ponto os impulsos divisionistas de quem quer que seja.

A partir da greve, a busca da unidade do movimento sindical passa a ter como ponto de referência *a luta*, em torno de reivindicações comuns da classe operária e das massas trabalhadoras que afloraram no 21 de julho. Fica assim confinada a concepção de "unidade de vanguarda", baseada em acordos de cúpulas e interesses de grupos. E vai havendo aos poucos uma redefinição de forças e alianças no sindicalismo, que é preciso acompanhar.

Assim, a greve do dia 21 foi ao mesmo tempo um fator de unidade mas também um divisor de águas, entre os que querem de fato e os que não querem lutar: entre os que se unem na luta e para a luta, e os que falam na luta porém na realidade se opõem a ela. Tudo isso se definirá no Conclat, no momento de definir as bandeiras e de escolher as direções do movimento sindical.

Sem dúvida as condições para o Conclat melhoraram, e muito. Após a greve vitoriosa do dia 21, os operários, os trabalhadores em geral e seus sindicatos estão muito mais mobilizados e confiantes no seu Congresso. Querem um Conclat que interfira efetivamente na vida política do país, que coloque no cenário nacional o posicionamento unitário e combativo do movimento operário e sindical.

(R. Freitas)

Socorro (6ª da esq. para dir.) e outras delegadas visitando o museu de Kruja

Educação e arte para o povo

Após o 9º Congresso da União das Mulheres da Albânia, Maria do Socorro, metalúrgica, membro do Comitê de Luta Contra o Desemprego, teve contato com diversos aspectos da vida albanesa. Nesta edição ela fala sobre a educação e a cultura no "País das Águias".

"A primeira coisa que visitei nesta área — disse ela — foi uma creche em Tirana. Segundo a diretora, cada bairro tem sua própria creche. Esta abrigava cerca de cem crianças. E 27 pessoas cuidavam delas, todas com curso médio de enfermagem.

"Perguntei como é que as crianças eram admitidas. E fiquei surpresa em saber que não há burocracia, nem mordomia, nem filas para isso. Cada criança tem seu lugar garantido. Tudo é planejado, assim como os planos qüinqüenais de desenvolvimento da economia.

"Os pais pagam pela creche de acordo com a renda familiar. E tudo é subsidiado pelo Estado. O que eles pagam não daria nem para financiar a alimentação, quanto mais vacinas, manutenção, etc.

"Já na creche os professores procuram desenvolver na criança o gosto pelo trabalho, pela história de luta do povo e pela arte. Assisti um bando de crianças cantando uma música que, segundo a tradutora, falava sobre o trabalho, acompanhada por mímica.

"Também visitei uma escola média artística na capital, com 700 alunos a maioria do sexo feminino. A escola tem 150 professores. Os alunos estudam pintura, escultura, música, etc., tudo ligado com a vida em curso no país. Quem é instrumentista, por exemplo, precisa no mínimo conhecer os instrumentos populares, como o daule, uma espécie de violino com uma corda só. Quem aprende balé também estuda as danças folclóricas.

"Cada empresa cooperativa ou granja estatal que visitei tinha seu próprio conjunto artístico. Parece que todo mundo sabe fazer alguma coisa artística. Cada localidade tem também seu museu, que conta a história local dentro da luta geral de todo o povo. Estive no museu de Kruja, onde tem muita coisa sobre o herói nacional Skanderbeu, que morreu lutando contra o domínio dos turcos. A Albânia foi dominada 500 anos pelos otomanos. Estes proíbiam o povo de aprender o albanês. Então eles têm uma tradição oral da língua. O primeiro dicionário albanês só apareceu no ano passado em decorrência disso.

"Também visitei a Universidade de Tirana, onde conversamos com a vice-reitora. Elas nos disse que 50% dos universitários são mulheres. No decorrer do ano letivo os alunos fazem um mês de preparação física e militar. Lá a Universidade está ligada ao povo e à vida do país. Especialistas da produção vêm dar aulas, trazendo a experiência prática. E 70% das mulheres trabalham na área científica, quebrando um velho tabu".

O sindicalismo do dólar ataca no Brasil

Uma lastimável articulação sindical, movida a dólares, parece estar em curso no Brasil. No Ceclat baiano ela apareceu às claras (veja o box). Outra ponta da trama seria o "Projeto Participação no Conclat 83" — um texto da Comissão Nacional da Anampos - Setor Sindical, pedindo a "instituições" estrangeiras a bagatela de 433 mil dólares.

Pelo câmbio paralelo atual isto significa 390 milhões de cruzeiros. É a cifra que a Anampos (Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindical) estaria solicitando, em dólares, das instituições estrangeiras. Outros 276 mil dólares (Cr$ 250 milhões) seriam conseguidos no Brasil. Total: 710.045 mil dólares, ou Cr$ 640 milhões. Está tudo discriminado nos "Totais dos programas e orçamentos prioritários nº 1, 2, 3 — na última das 40 páginas do documento (veja o fac símile).

As primeiras páginas contém um longo arrazoado sobre a situação do trabalhador brasileiro, o historico, os "Princípios Básicos" e o "Plano de Lutas" da Anampos, sem uma palavra sobre a luta contra o governo, nem muito menos contra as multinacionais. Depois vem um detalhado "Plano de Trabalho até o Conclat". E por fim o orçamento, minucioso, dos gastos previstos com transporte aéreo e rodoviário, telefone, correio, publicações, material, salários e até "imprevistos" — tudo em dólares.

O FINANCIADOR DECIDE

O documento diz que "o apoio de entidades internacionais tem sido de grande ajuda", mas "queremos ampliar os apoios" para "conseguir a maior participação possível na construção da CUT". E afirma textualmente: "Sua contribuição poderá se dar **em parte do Projeto que mais esteja vinculada aos objetivos e prioridades de sua instituição".** Ou seja, os financiadores decidiriam sobre como aplicar seu dinheiro.

Ao que se pôde apurar, a "Solicitação" da Anampos foi enviada a diferentes entidades do chamado "sindicalismo livre" na Europa e nos Estados Unidos. Inclusive a famigerada AFL-CIO, a central sindical americana que apoiou a agressão ao Vietnã, teria sido convidada a soltar alguns dólares.

TOTAIS DOS PROGRAMAS E ORÇAMENTOS PRIORITÁRIOS Nº 1,2,3:

PROGRAMAS	SOLICITADO (US)	PARTICIPAÇÃO DA ANAMPOS (US)	TOTAL (US)	TOTAL GERAL (US)
PROGRAMA Nº 1 E ORÇAMENTO Nº 1:				
A)- ~~ENCONTROS~~ Seminários MUNICIPAIS (260)	103.290	122.128	225.418	
B)- ~~ENCONTROS~~ Seminários ESTADUAIS (45)	68.994	64.677	133.671	
C)- PARTICIPAÇÃO DA CNS. (45)	8.838	5.304	14.142	
TOTAL PROGRAMA Nº 1 E ORÇAMENTO Nº 1:....	181.122	192.409	373.531	373.531
PROGRAMA Nº 2 E ORÇAMENTO Nº 2:				
D)- ~~ENCONTRO~~ Seminário NACIONAL DA ANAMPOS (500)	89.474	26.062	115.536	
E)- PARTICIPAÇÃO NO CONCLAT/83	138.000	45.000	183.000	
F)- INFRA-ESTRUTURA DA ANAMPOS	11.180	12.555	23.735	
TOTAL PROGRAMA Nº 2 E ORÇAMENTO Nº 2:....	238.654	83.617	322.271	322.271
TOTAL PROGRAMA Nº3 E ORÇAMENTO Nº 3:....	13.604	640	14.244	14.244
TOTAIS GERAIS...................	433.380	276.666	710.045	710.045

sido de grande ajuda, mas até o momento, só nos para pequenos encontros de trabalhadores. O que nós queremos é ampliar os apoios para conseguirmos garantir a continuidade do trabalho de base nos diversos Municípios e Estados e para ampliar a participação dos trabalhadores da cidade e especialmente do campo. Este processo participativo, conscientizador e organizativo se dará em torno das grandes lutas que estamos enfrentando e no esforço de conseguirmos a maior participação possível na construção da CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

Diante de tudo isto solicitamos a sua participação neste grande empreendimento em favor do avanço do conjunto dos trabalhadores da cidade e do campo no Brasil. Sua contribuição poderá dar em parte do PROJETO que mais esteja vinculada aos objetivos e prioridades de sua instituição.

O PLANO DE TRABALHO terá diversas etapas e partes:

a). ~~Encontros~~ Seminários Municipais de Base
b). ~~Encontros~~ Seminários Estaduais
c). ~~Encontros~~ Seminários Regionais
d). ~~Encontro~~ Seminário Nacional Preparatório ao CONCLAT/83
e). Participação no CONCLAT/83
f). Reuniões e viagens de coordenação Nacional da ANAMPOS
g). Infra - Estrutura Necessária

Sua contribuição poderá se dar em algumas dessas partes do PROJETO GLOBAL. Ainda poderá a sua contribuição ser voltada para Regiões que melhor se enquadre nas prioridades da instituição: Norte e Nordeste (essencialmente trabalhadores do campo), Centro-Oeste (trabalhadores do campo e cidade), Sudeste (essencialmente trabalhadores urbanos), Sul (trabalhadores urbanos e rurais).

Na fac-símile de duas páginas do "Projeto", o pedido do dinheiro e os "orçamentos prioritários", em dólares.

Pelas declarações de José Novaes, o primeiro a "abrir o jogo", ao menos parte do dinheiro procede de Portugal. Funciona ali a "União Geral dos Trabalhadores", UGT, que serve como bom exemplo das inconfessáveis intenções desse financiamento. Durante as jornadas revolucionárias de 1974-75, o movimento operário português havia forjado sua central sindical **única,** a CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores). Porém para os partidos social-democratas portugueses (PS e PSD) isso era inadmissível e, também com financiamento e apoio multinacional, eles trataram de fundar, a UGT como central paralela. Os operários de Portugal conhecem bem a triste trajetória de fura-greves dessa "União Geral", que na verdade agrupa apenas uma minoria formada basicamente por intelectuais e funcionários, com quase nenhuma base proletária.

Não se duvida aqui das boas intenções de muitos sindicalistas da Anampos, que talvez nem conheçam este "Projeto". Mas ninguém se iluda: esses dólares, enviados por entidades a serviço do imperialismo, pelas costas da nossa estrutura intersindical unitária, vêm para dividir e sabotar e não para ajudar a luta dos trabalhadores.

(Bernardo Joffily)

Ceclat baiano: os trabalhadores não perdoaram o sindicalismo movido a dólares.

"Gigolô do imperialismo" em ação

Ficou claro no Ceclat baiano o que se suspeitava desde os Enclats do Pará, Espírito Santo e outros: centrais sindicais européias ligadas à social-democracia estão financiado uma ala do sindicalismo brasileiro. Quem confirmou a denúncia foi um dos próprios agentes financiados, José Novaes, que o plenário logo batizou de 'Gigolô do Imperialismo".

Já durante a inscrição dos delegados, Washington de Sousa, da oposição sindical dos trabalhadores da construção civil, denunciou numa reunião de delegados que José Novaes recebera dinheiro do exterior para financiar a montagem de uma bancada de trabalhadores rurais. Nesta mesma reunião o próprio José Novaes confessou ter recebido 1,2 milhão de cruzeiros de centrais sindicais da Europa e Portugal. Em seguida, Novaes, dirigente da Anampos (Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindical) e ex-candidato a senador pelo PT baiano (teve 0,7% dos votos) reconheceu o fato no **Jornal da Bahia** e na **Tribuna da Bahia.**

O fato gerou revolta e indignação geral. Os trabalhadores presentes na reunião gritavam "confessou! confessou!". Mesmo sindicalistas do PT, envergonhados, disseram que não aceitam um comportamento desses.

SE NÃO VOTA, NÃO VOLTA

Quando questionaram por que recebera dinheiro do exterior para financiar delegados a um congresso estadual de trabalhadores, Novaes respondeu com cinismo: "Para não ver o Ceclat transformado numa Conferência das Confederações" — uma desculpa que não convenceu os trabalhadores.

Com o financiamento do capitalismo europeu, via centrais sindicais social-democratas (veja matéria ao lado), o homem da Anampos na Bahia levou para o Ceclat mais de 200 delegados, trabalhadores rurais iludidos, na maioria tirados de pequenos municípios e sem a participação dos seus Sindicatos. Segundo um desses delegados, a diária que Novaes pagava por cabeça era de 10 mil cruzeiros, afora a hospedagem, fornecida por setores da Igreja. Nos grupos de discussão e nas sessões plenárias foram flagrados vários casos de pressão do grupo de Novaes contra esses companheiros. Dizia-se até que quem votasse contra Novaes não teria direito a um lugar no ônibus de volta para seus lugares de origem.

"ISSO É UMA TRAIÇÃO"

Os trabalhadores não engoliram a aliança de Novaes com o capitalismo europeu. Na única proposta que ele defendeu no plenário, contra a Constituinte livre e soberana, recebeu a maior vaia do Ceclat. Várias vezes teve que se interromper, devido ao coro do plenário: "Gigolô do Imperialismo!" Novaes, desmascarado, perdeu na votação a única proposta que defendeu. E teve que sair carregado, no final do Congresso, para não ser agredido pela multidão.

O líder camponês José Ferreira Melo, o *Manezinho,* comentou sobre o assunto: "Isso é uma traição, à classe operária e aos camponeses. Eu sei que nós temos que nos apoiar uns nos outros. O trabalhador é irmão do trabalhador. Mas trazer esse dinheiro do exterior, para financiar a divisão, é coisa de traidor". Aliás, em outubro passado Novaes já fora expulso de uma reunião de trabalhadores rurais, em Santa Maria da Vitória, onde queria fazer campanha eleitoral para o PT. E na última Conclat foi delegado biônico, pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rui Barbosa, onde nem chegou a trabalhar. **(da sucursal)**

Solidariedade ao revés

A articulação, ou melhor, a tramóia exposta acima nada tem a ver com a solidariedade internacional entre os trabalhadores. Ao contrário.

Os explorados pelo capital enfrentam inimigos comuns e travam um mesmo grande combate, pelos mesmos objetivos finais, em todo o planeta. Neste sentido, seu movimento não conhece fronteiras. A solidariedade internacionalista é o seu mais sagrado princípio.

Mas solidariedade no confronto com as forças do capital, com as classes espoliadoras de cada país e sobretudo as metrópoles imperialistas. Solidariedade para reforçar a união dos explorados em cada país, dentro da unidade mais ampla de toda a humanidade trabalhadora.

O projeto em pauta vai na direção oposta. Sua conexão é com entidades testas-de-ferro do grande capital europeu e americano. Sua intenção, mal disfarçada, é cindir o nosso movimento sindical, em nome do plurisindicalismo que tanto mal já causou aos trabalhadores europeus e norte-americanos mas que no Brasil até hoje não vingou, nem pode vingar.

Encontros de trabalhadores preparam o Conclat

Acima, o Enclat alagoano; abaixo, o primeiro Encontro das Classes Trabalhadoras piauienses

Ainda sob o impacto direto da jornada de luta de 21 de julho, o movimento sindical brasileiro realizou no fim de semana passado vários Encontros Estaduais e o Congresso Estadual (na Bahia) das Classes Trabalhadoras. Em todos eles registrou-se um considerável aumento do número de entidades participantes, prenunciando um grande Conclat em agosto.

O CECLAT DA BAHIA

Reunido nos dias 22, 23 e 24, o 1º Congresso das Classes Trabalhadoras da Bahia contou com 889 delegados: 404 de trabalhadores rurais, 276 de trabalhadores urbanos da capital, 38 de trabalhadores urbanos do interior, 168 de trabalhadores ligados a associações, três de federações.

Um traço particular do Ceclat foi a presença dominante de camponeses engajados, em grande parte trazidos com os dólares de José Novaes, à margem dos sindicatos, da Fetaeg e da estrutura intersindical existente. No entanto, o Congresso quase não discutiu os problemas dos camponeses.

Como fruto da visão parelelista que comandou os delegados arrebanhados por Novaes, a estrutura da direção estadual do movimento sindical baiano sofreu uma mudança que, se aplicada de forma generalizada, significaria o fim do movimento sindical único e de uma única CUT.

Outras resoluções do Ceclat-BA foram a organização de uma campanha por eleições diretas para presidente da República, a defesa de uma Constituinte livre e soberana, do não pagamento da dívida externa e a proposta de uma nova greve geral, a ser marcada pelo Conclat.

O 2º ENCLAT PARANAENSE

No Paraná, o 2º Enclat contou com delegados de 250 entidades, posicionou-se pelo não pagamento da dívida, pelo salário-desemprego, a revogação dos decretos de arrocho salarial, o direito de sindicalização para todas as categorias profissionais e a liberação do Finsocial para a região Sul, afetada pelas enchentes. O Encontro aprovou também a campanha pelas eleições diretas, e a convocação da Constituinte como marco do fim do regime militar. Condenou as intervenções em sindicatos e a prisão por motivos políticos de democratas como Juvêncio Mazarollo, que enviou uma mensagem gravada no cárcere, aos participantes do Enclat.

Por maioria, o Encontro paranaense considerou que a CUT, não deve ser ainda formalizada no Conclat, pois precisa refletir um maior amadurecimento do sindicalismo brasileiro. Ao final foi eleita a Intersindical paranaense, com 23 membros, e quatro nomes para a Pró-CUT Nacional.

RIO: PELA GREVE GERAL

O 3º Enclat do Rio de Janeiro, depois de acaloradas discussões em seis comissões, foi marcado por duas votações na plenária final.

Na primeira, quanto ao momento da fundação da CUT, uma ampla maioria optou por submeter a fundação à condição de ser uma Central Única unitária, ampla, democrática e representativa. Apenas a ala trotsquista do PT ficou contra, defendendo a CUT já.

Na segunda votação, com uma composição de forças invertida, discutiu-se a greve geral. E foi derrotada a posição de Ivan Pinheiro, do Sindicato dos Bancários, que relegava para segundo plano a greve, privilegiando "dias de luta" sem greve, como ocorrera dia 21 no Rio.

Um texto encaminhado pela Executiva da Intersindical carioca, a favor de "buscar o entendimento e a negociação com todos", inclusive o governo Figueiredo, terminou sumariamente cortado neste trecho. O plano de lutas, encabeçado pela campanha pelas eleições diretas, passou por unanimidade e foi eleita uma nova Executiva Intersindical, com 23 entidades.

ENTUSIASMO NA PARAÍBA

Um grande entusiasmo deu a tônica no Enclat paraibano, que contou pela primeira vez com uma maioria de entidades urbanas entre as mais de 60 que compareceram, com cerca de 200 delegados. Em relação ao momento de tirar a CUT, os paraíbanos julgaram por maioria que a hora acertada não será neste Conclat. O PMDB, o PT e o PDT enviaram representantes para saudar os sindicalistas, apoiando seu movimento.

NO PIAUÍ O 1º ENCLAT

Num clima de vitória, com a participação de 176 delegados, 42 Sindicatos, três Associações e a Federação dos Trabalhadores Rurais, os sindicalistas piauienses fizeram seu primeiro Encontro estadual, dias 23 e 24. Fundou-se ali a Intersindical do Estado, com 25 membros e oito suplentes — assinalando um importante avanço. No entanto, a posição pela criação da CUT já neste Conclat foi aprovada, por dez votos de diferença.

O ENCLAT MARANHENSE

Uma semana antes transcorreu o Enclat do Maranhão, com 350 delegados e 73 entidades, das quais 47 de trabalhadores rurais e mais as Federações de Trabalhadores na Agricultura e na Indústria. Um ínfima minoria, que tentou tumultuar a reunião, terminou se retirando sob vaias.

VITÓRIA EM ALAGOAS

No movimento sindical alagoano, uma tentativa de divisão, que envolveu apenas quatro das 32 entidades presentes no 3º Enclat, terminou servindo de pretexto para uma caça às bruxas por parte da grande imprensa. Esta saiu acusando o PC do Brasil, divulgando mentiras, transformando a minoria em "maioria" e difamando entidades. Foi preciso uma resposta coletiva de 22 entidades para restabelecer a verdade e frear a ação divisionista, agora reduzida a notinhas apócrifas.

(das sucursais)

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

A assembléia dos metroviários paulistas para decretar a greve do dia 21 reuniu um terço da categoria.

Uma greve histórica, primeira do Metrô

O dia 21 de julho entrou na história do movimento sindical brasileiro.

No Metrô de SP, o sindicato, com uma proposta classista, trabalhou pela unidade do movimento sindical e foi à greve junto com a categoria mesmo à custa de uma intervenção que se previa. A greve mostrou quem é e quem não é a favor da classe e contra o regime militar que infelicita o país e o povo. Desde a greve dos petroleiros de Campinas, que os metroviários discutem em todos os locais de trabalho, que está na ordem do dia o rompimento do acordo e a necessidade da união de todos os trabalhadores.

Na primeira assembléia, compareceram 350 metroviários que decretaram o Estado de Greve, e pelo clima e defesa das propostas, sairam de lá na condição de ativistas e propagandistas da greve. Três dias depois, dia 19, os resultados se fizeram sentir. Foi a maior assembléia da categoria e proporcionalmente a maior de todo o Estado, com 30% da categoria presente: 1500 metroviários. Se o sindicato sofresse intervenção, na luta seria retomado, era o que se ouvia. Foi uma emocionante decisão e que de forma mais unitária, foi levada à prática. À meia noite do dia 20, as estações fecharam; aos poucos todos foram para casa, e o Metrô permaneceria 12 horas em greve, sua primeira greve desde que entrou em operação em 1974. Deve-se dizer que a abertura, às 12hs do dia 21, deveu-se às pressões dos órgãos de segurança e do governo federal, que exigiu que os trabalhadores fossem buscados em casa. No pátio, Sede, Obra e CCO, a paralisação foi total. A categoria cumpriu seu papel e nesse dia menos de 200 mil pessoas foram transportadas, das 1 milhão e 300 mil que diariamente o utilizam. O diretor de operações, Frederico Bussinger, eleito pela categoria, foi coerente com sua condição e resistiu à intervenção branca o quanto pôde. Parabéns. E nessa luta aprendemos sobretudo que a unidade é indispensável e que outras lutas virão até a conquista de amplas liberdades neste Brasil, para que nós possamos decidir o nosso destino. O futuro pertence aos trabalhadores! **(um metroviário amigo da TO - São Paulo, SP).**

Foguete dá o sinal para o povo lutar

O dia 15 de julho foi um dia de luta e vitória para os moradores do bairro de Santa Isabel, Cuiabá. Sob ameaça de despejo, alguns moradores antigos do bairro já estavam se mobilizando para o que viesse ocorrer.

Neste dia, logo pela manhã vieram o oficial de "Justiça" junto com uma patrulha da PM para executar o despejo. Mas quando entraram no bairro para despejar o sr. Bolívar Rezende, vice-presidente da Associação dos Moradores, tiveram que sair correndo. É que ao chegarem em frente ao barraco a esposa do sr. Bolívar soltou um foquete para avisar os vizinhos de que ali ia começar o despejo. Em 15 minutos já estavam reunidas mais de 400 pessoas que vieram prestar solidariedade, todos preparados para enfrentar a polícia. Quando a PM viu toda aquela gente defendendo o direito de moradia começou a pedir reforços pelo rádio. E acabaram indo embora.

Mesmo assim continuou durante todo o dia a vigília na casa da Dona Neusa. À noite foi realizada uma assembléia geral dos moradores e um ato público contra os despejos. E disso tudo foi tirada a experiência de que o povo não pode se acomodar, pois não adianta passar asfalto (onde só passa ônibus) se não entrega o título de posse do terreno. Essa foi mais uma investida do governo, que pensou que o povo estava desmobilizado. Mas os moradores vão reforçar sua unidade para defender seus direitos. **(E.F. - Cuiabá, Mato Grosso).**

Neste período de mobilização e greve da classe operária, os colaboradores de nosso jornal em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, venderam mais de 600 jornais. Isso refletiu o grande interesse dos operários pelas informações corretas fornecidas pela imprensa classista. Segundo avaliação dos colaboradores, muitos trabalhadores viram que a Tribuna Operária **é o único jornal em que eles têm espaço para fazer denúncias sobre a opressão no seu local de trabalho.**

Companheiro! Esta é a imprensa que fornece um quadro real da luta do operariado de outras fábricas e de outros estados. Divulgue-o em sua fábrica! Vamos contribuir para o crescimento da imprensa proletária, levando a TO para os amigos, familiares e vizinhos!

(Olívia Rangel)

Nasceu o Comitê Contra o Desemprego em Guarulhos

Como em milhares de cidades brasileiras, também em Guarulhos cresce o desemprego, fruto da política econômica do regime militar. Já vamos para mais de 40 mil desempregados.

Zé, pai de quatro filhos, esteve numa fila de cem desempregados, que disputavam uma só vaga de mecânico de manutenção. Encontramos também ferramenteiros, mecânicos e torneiros vendendo doce e sandália ou trabalhando de cobrador, para arrancar algum sustento para os filhos.

Mas no meio de tal dureza, nasce de novo a resistência da classe operária, o Comitê de Luta Contra o Desemprego de Guarulhos.

Todos estamos convencidos de que o principal responsável por esta onda crescente de desemprego é a política econômica do regime militar, que durante 20 anos semeou essa desgraça, o desemprego.

Por isso queremos ir a Brasília numa grande caravana de desempregados, empregados, dirigentes sindicais, parlamentares, etc., exigir em regime de urgência o salário-desemprego e o fim dessa política econômica.

Do sr. prefeito, Osvaldo de Carlos, conseguimos a liberação da Praça Getúlio Vargas para nossas reuniões e manifestações toda segunda-feira, às 10 hs., a fim de avançar nossa luta contra o desemprego.

Estamos convencidos de que nossa resistência exige muita luta e participação de milhares de desempregados, dos que ainda trabalham, dos sindicatos, de entidades populares, parlamentares. **(Comitê de Luta Contra o Desemprego - Av. Faria Lima, nº 210, Bom Clima - Guarulhos, SP)**

Comida da Eternit nem cachorro come

Escrevo umas poucas linhas para falar da verdadeira miséria que os funcionários da Eternit vêm sofrendo. Em março deste ano a firma dispensou funcionários até com 17 anos de firma. O gerente dizia que os salários estavam muito altos e colocou novos funcionários com o salário de 41.916 cruzeiros mensais. Descontando 2.850 de almoço, INPS e outras coisas, fica um líquido de trinta e poucos mil.

Os funcionários trabalham pior que burro. Quem falar na produção vai prá rua. Todos sabem que a comida que almoçam nem todo cachorro come. O feijão é cozido com bastante bicarbonato. Quem não tem desinteria fica com a barriga inchada a tarde e a noite.

Amigos gostaria que vocês colocassem essa denúncia na **Tribuna Operária,** que compro toda semana. **(Um funcionário do Pólo Petroquímico de Camaçari - Bahia).**

Quando o homem transbordar

Tendo ainda diante dos meus olhos as imagens da desolação que as cheias causaram em meu Estado, sentei-me diante de um pedaço de papel e rabisquei estes versos, a forma de dizer que também aqui a semente brotará:

O homem feriu a terra
e a terra sangrou
e o sangue foi tanto
que o rio transbordou

mas o rio não tem olhos
não sabe quem o feriu
tira tudo de quem
não tem nada além
de suas próprias mãos

agora eles são iguais
o rio ferido
e o homem destruido
e ambos, pelas mesmas garras

mas um dia, tal qual o rio
o homem ferido irá transbordar
para o fundo da lama arrastar
toda a opressão que há.

(Caê - Florianópolis, Santa Catarina)

Santa Maria forja sua Intersindical

Dia 11 de julho foi realizado em Santa Maria um mini-Enclat. Na ocasião, reuniram-se alguns dos sindicatos da cidade para, além de falar sobre o Enclat do Rio Grande do Sul e a CUT, a greve geral e o Conclat, decidir a formação de uma Intersindical em Santa Maria.

Após uma boa discussão foi tirada uma Comissão Pré-Intersindical, formada pelos Sindicatos dos Rodoviários, dos Metalúrgicos, dos Trabalhadores em Enfermagem e pelo Ceoers.

Espera-se que, com a formação de uma Intersindical, o movimento dos trabalhadores se revigore e ocupe o lugar de destaque que merece. **(do correspondente em Santa Maria - Rio Grande do Sul).**

Vamos reunir até debaixo de um pé de pau

Recentemente, tivemos eleições para o nosso Sindicato de Trabalhadores Rurais de Iracema, Ceará, quando foi reeleita a chapa que derrotou a diretoria pelega, que dirigia antes nossa entidade.

Como a chapa perdedora era apoiada por um vereador do PDS, o Bél, que também é fiscal do açude do EMA, este inconformado com a derrota tem impedido que a delegacia sindical daquela localidade se reuna no grupo escolar ali existente. É que o grupo também é propriedade do DNOCS.

Mas os trabalhadores estão dispostos a não se deixar dobrar por mais esta arbitrariedade. Lutaremos para continuar usando o local para nossas reuniões e se for preciso as faremos de qualquer jeito até debaixo de um pé de pau.

A posse da nova diretoria será dia 24 de julho e todos os trabalhadores têm o dever de fortalecer estes companheiros que estão à frente de nosso Sindicato atualmente, participando de fato em tudo que o Sindicato promove, pois eles estão sendo perseguidos pelos patrões porque são companheiros de luta. **(Raimundo - Iracema, Ceará)**

Mutretagens de um patrão capixaba

Peço à **Tribuna Operária** que denuncie mais uma firma de pilantragem contra o povo do Espírito Santo, enganando a todos com promessa de rentabilidade e vantagens. Mas tudo não passa de mutretagem apoiada pela ditadura.

Há tempos o proprietário da Triplik S/A Corretora de Valores e Câmbio deu jantares e coquetéis a vários figurões da cúpula da ditadura. Inclusive o ministro Délio Jardim de Mattos esteve em Vitória e posou com este senhor da Triplik chamado Jônice Tristão. Todos os leitores da **TO** aqui querem que saia um artigo sobre esses trambiqueiros que vivem por esse Brasil afora enganando e roubando, respaldados pelos generais da ditadura. **(J.O. - Vitória, Espírito Santo)**

CDM Centro de Documentação e Memória Professor Maurício Grabois

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Sindicato para a greve geral

A greve geral veio demonstrar que o movimento sindical tem que avançar rapidamente para acompanhar as exigências atuais da luta de classes. O Sindicato precisa ter ousadia para fazer política proletária de classes. Atuar como direção ativa e não assistir passivamente a evolução do movimento espontâneo. E para tal, necessita de um sólido apoio de base, com a organização dos operários nas fábricas.

GREVE ATIVA

Embora o centro do movimento grevista fosse em São Paulo, onde se encontra o contingente mais numeroso e mais politizado da classe operária, a greve tomou um caráter mais ativo no Rio Grande do sul. Além de uma vigorosa participação na greve, os trabalhadores saíram às ruas em enérgicas manifestações. Os sindicalistas gaúchos já desde algum tempo têm revelado clareza política ao conduzir um movimento unitário, fortalecendo as posições avançadas mas ao mesmo tempo cuidando para impedir o exclusivismo e a divisão. Graças a isto já no início do ano tinham realizado uma assembléia intercategorias, com milhares de trabalhadores propondo uma greve geral para maio. Por isto mesmo, ao ser deflagrada a greve geral no dia 21, tinham amplas condições para mobilizar todas as categorias vitoriosamente.

Em muitos lugares, além da falta de clareza da luta, serviu como entrave o *amor à cadeira;* o medo de fazer política e perder o cargo. Ou seja, a falta de coragem de usar o Sindicato como arma para servir à classe. Inclusive muitas diretorias que se auto-intitulam combativas vacilaram e não tiveram iniciativa para unir a categoria e puxar a greve. É uma marca do Sindicalismo atrelado, assistencialista e meramente reivindicatório, com medo de fazer política e portanto de participar de uma greve eminentemente política.

COMISSÃO DE FÁBRICA

Em São Paulo, onde houve uma certa tendência generalizada a puxar para uma greve menos ativa, o que ficou claro é que onde existe comissão de fábrica organizada e com respaldo de massas, o movimento teve maior êxito. E a repressão, embora tentasse agir, foi derrotada pela organização interna, que substituiu os piquetes. Nestas fábricas a parada foi praticamente total. E mesmo alguns serviços considerados essenciais, foram antes discutidos e autorizados pelas comissões.

As comissões de fábrica realizaram assembléias de preparação dentro da empresa e reuniões por setor. Além de pararem as suas fábricas ainda criaram condições para que os operários se organizassem para ajudar nos piquetes em outras fábricas com maior dificuldade.

Até mesmo na luta para derrotar os pelegos e reformistas a comissão desempenha papel chave. Mesmo que a direção sindical vacile diante da greve, uma organização combativa dentro das principais empresas tem amplas condições de empurrar o conjunto da categoria com a realização de assembléias com grande participação de massas.

RENOVAÇÃO SINDICAL

A renovação do movimento sindical vai ser acelerada com a realização da greve geral. As comissões de fábrica estão chamadas a desempenhar o papel dinâmico nesta transformação. As bases serão mobilizadas mais amplamente por estes instrumentos. E um grande número de novas lideranças serão formadas com rapidez nas batalhas que se anunciam. A discussão destas questões no Conclat cumprirá o papel de difundir as novas experiências por todas as categorias em todo o país.

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, antiga Trav. Brig. Luiz Antonio, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. **Telefone:** 36.7531 (DDD). **Telex:** 01132133 TLOPBR.

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel

Sucursais:

ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91, Estação Experimental Rio Branco — CEP 69900. **AMAZONAS — Manaus:** Rua Simon Bolivar, 231 — A (Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000. **PARÁ — Belém:** Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000. **MARANHÃO — São Luiz:** Rua do Machado, 174 — Centro — CEP 65000. **PIAUÍ — Teresina:** Rua Eliseu Martins, 1130, 1º andar CEP 64000. **CEARÁ — Fortaleza:** Rua do Rosário, 313, sala 206. CEP 60000. **Sobral:** Av. Dom José, 1236, sala 4, CEP 62100. **RIO GRANDE DO NORTE — Natal:** Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 102, Alecrim CEP 59000. **PARAÍBA — João Pessoa:** Rua Padre Meira, 30, sala 108, CEP 58000. **Campina Grande:** Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar — CEP 58100. **PERNAMBUCO — Recife:** Rua do Sossego, 221 — Boa Vista — CEP 50000. **Cabo:** Rua Vigário Batista, 239. **Garanhuns:** Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3, CEP 55300. **ALAGOAS — Maceió:** Rua Cincinato Pinto, 183, Centro. CEP 57000. **SERGIPE — Aracajú:** Rua João Pessoa, 299, sala 28, CEP 49000. **BAHIA — Salvador:** Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro CEP 40000. **Feira de Santana:** Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101, CEP 44100. **Camaçari:** Rua José Nunes de Matos, 12, CEP 42800. **Itabuna:** Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204, CEP 45600. **MINAS GERAIS — Belo Horizonte:** Av. Amazonas, 491, sala 817. Fone: 224.7605. CEP 30000. **Juiz de Fora:** Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411, CEP 36100. **GOIÁS — Goiânia:** Av. Anhanguera, 3001, sala 1309, Centro, CEP 74000. **DISTRITO FEDERAL — Brasília:** Ed. Goiás, sala 322. Setor Comercial Sul, CEP 70317. **MATO GROSSO — Cuiabá:** Rua Comandante Costa, 548. Fone: 321.5095. CEP 78000. **ESPÍRITO SANTO — Vitória:** Rua General Osório, 127, sala 908. CEP 29000. **RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro:** Rua São José, 90, sala 2208, CEP 20000. **Rio de Janeiro:** Rua Carvalho de Souza, 155, loja F, Madureira, CEP 20000. **Niterói:** Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807. CEP 24000. **Duque de Caxias:** Rua Nunes Alves, 40, sala 101, CEP 25000. **Nova Iguaçú:** Rua Otávio Tarquínio, 74, sala 605. CEP 26000. **SÃO PAULO — São Bernardo do Campo:** Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar, CEP 09700. **São Caetano do Sul:** Rua Sta. Catarina, 39, sala 303, CEP 09500. **Campinas:** Rua Regente Feijó, 592, CEP 13100. **Marília:** Rua Dom Pedro, 180, 1º andar, CEP 17500. **Piracicaba:** Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367, CEP 13400. **Ribeirão Preto:** Rua Sergipe, 119, CEP 14100. **Santos:** Av. D. Pedro II, 7, CEP 11100. **São José dos Campos:** Rua Sebastião Humel, 185, sala 7, CEP 12200. **Taubaté:** Rua Souza Alves, 632, sala 5, CEP 12100. **PARANÁ — Londrina:** Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8, CEP 86100. **RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre:** Rua General Câmara, 52, sala 29, CEP 90000. **Caxias do Sul:** Rua Dr. Montaury, 658, 1º andar, sala 15, CEP 95100.

A **TRIBUNA OPERÁRIA** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e Impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Penteado, 236, loja 8 Tels. 263 3115, São Paulo-SP

Mesmo com chuva, a equipe brasileira brilhou no Maracanã

Vôlei do Brasil vitorioso contra equipe da URSS

Adiado da data original, 19 de julho, para o dia 26 por causa das chuvas, o chamado "grande desafio" colocou frente a frente a atual campeã do mundo e dos jogos olímpicos, URSS, e a equipe vice-campeã, Brasil. O palco não poderia ser melhor: Maracanã. E o público compreendeu a grandiosidade do evento, proporcionando ao vôlei a sua maior platéia de todos os tempos: 95.887 pessoas.

A intenção inicial dos promotores era realizar o jogo do Maracanã antes dos demais amistosos programados pelo Brasil. Mas a chuva teimosamente não contribuiu, temendo-se até pelo seu cancelamento, pois não haveria outra data disponível. E o jogo começou com uma hora de atraso, aproveitando uma momentânea parada de chuva.

A URSS saiu na frente no primeiro set, marcando 4×0, quando o jogo foi interrompido pela chuva que voltou a cair no Rio de Janeiro, deixando o piso impraticável para o prosseguimento da partida.

Em respeito ao grande público presente ao estádio e também devido à grande vontade dos soviéticos de não deixarem o Brasil em desvantagem, foi achada a fórmula para a continuação do espetáculo mesmo com a chuva: a quadra foi coberta por carpetes que serviam de passarela dos vestiários ao tablado, possibilitando o reinício do jogo.

No primeiro set, a URSS chegou à marcação de 8×0, mas o Brasil equilibrou a partida até chegar ao empate de 14×14. Mas no final os soviéticos venceram com dois erros de contra-ataques brasileiros.

Não tardou muito a reação do Brasil. Após um bom início dos soviéticos, a equipe brasileira passou à frente e, apesar da reação soviética, com muita garra no final, fechou o set a nosso favor.

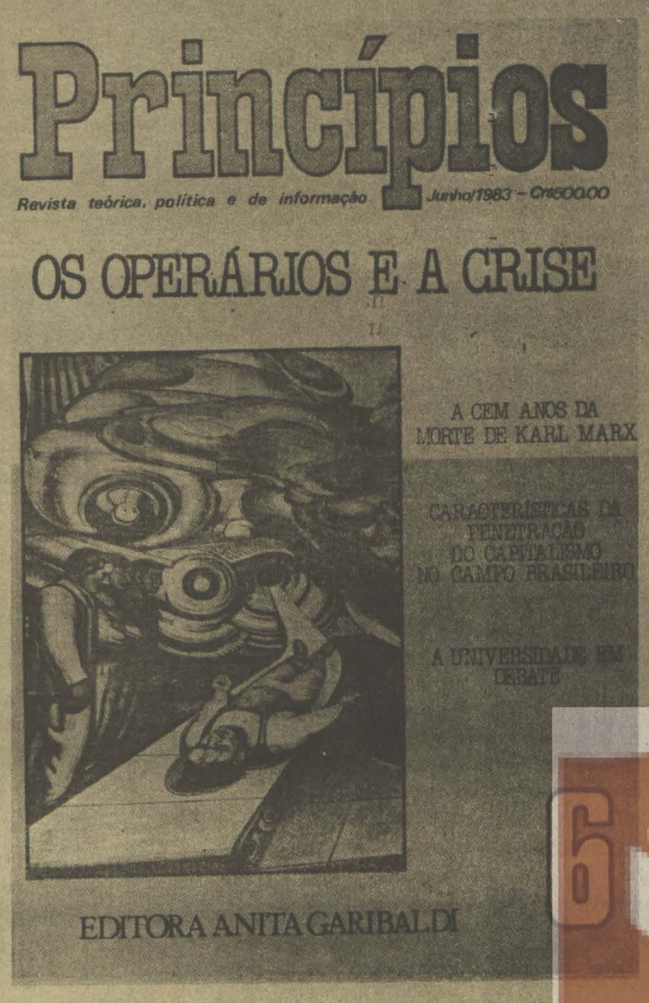
No terceiro set, já por volta das 24 horas, a chuva aumentou no Maracanã, mas os brasileiros demonstraram que não estavam mesmo a fim de dar nenhuma chance aos campeões mundiais. E foi impondo o seu jogo que o Brasil deslanchou no marcador, fechando o set com 15×7.

O terceiro set parece ter desnorteado os soviéticos. A prova disso foi o fulminante início do quarto set, quando os brasileiros imprimiram o seu rítmo de jogo, chegando com facilidade ao surpreendente placar de 9×0. Um providencial tempo pedido pelos soviéticos esfriou os brasileiros. Mas o Brasil estava determinado a vencer. Tendo ao fundo um coral de milhares de vozes nas arquibancadas, cantando sambas-enredo em um carnaval bem improvisado o Brasil manteve o domínio fazendo os soviéticos amargarem três contundente derrotas seguidas e deixando a esperança de conquista de medalhas de ouro tanto no próximo Panamericano (Venezuela) como nas próximas Olimpíadas (Estados Unidos).

Cláudio Faria Romero

Saiu a Princípios 6

Neste número da revista Princípios, artigos sobre a crise e os operários; o centenário da morte de Karl Marx e o capitalismo no campo. Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda. Rua Major Quedinho, 300, sala 3 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01050, com envio de cheque nominal no valor de Cr$ 500,00.



Simón Bolívar, herói da America Latina

Seis países latino-americanos comemoraram no dia 24 de julho, o bicentenário do nascimento de Simon Bolívar, *El Libertador*. Colômbia, Venezuela, Equador, Perú, Bolívia e Panamá tornaram-se independentes da Espanha sob a liderança deste personagem que transformou-se num mito latino-americano, símbolo histórico da luta pela unidade dos povos desta parte do mundo.

Simón Bolivar, combatente pela unidade dos povos da América

A independência latino-americana, iniciada nos primeiros anos do século XIX, inscreve-se no quadro das transformações mundiais provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo, que levou à substituição de potências coloniais atrasadas, como a Espanha e Portugal, por outra mais moderna, mais agressiva e com novos métodos de dominação colonial, a Inglaterra.

A ocupação da Espanha pelas tropas napoleônicas e a deposição do rei D. Fernando VII foi o sinal que deflagrou a luta pela independência nos países latino-americanos. Por toda parte as classes dominantes *criollas* (formadas por brancos nascidos aqui, filhos dos colonizadores espanhóis) formaram *juntas governativas*, que não aceitavam o domínio francês e defendiam os direitos de D. Fernando VII. Na prática, entretanto, estas juntas já significavam a independência, pois governavam as possessões espanholas de acordo com os interesses locais.

Na França, Bolívar aprende as idéias liberais de Rousseau

Simon Bolívar, descendente de uma família de grandes proprietários rurais *criollos,* nasceu em Caracas, em 24 de julho de 1783. Educado na Europa, ele aprendeu as idéias liberais de Rousseau, Montesquieu e Voltaire e, desde 1806, defendeu a independência de seu país, a Venezuela. Em 1809 tomou parte da junta governativa de Caracas, e em nome dela viajou à Inglaterra, em busca de apoio para a independência, sem êxito.

Juntou-se então a Francisco Miranda, que desde 1802 lutava contra os espanhóis, e conseguiu recursos para armar um navio de guerra. Dessa forma, Bolívar iniciou sua longa trajetória de guerreiro, que só terminou com a consolidação da independência.

Unidade latino-americana para a conquista da independência nacional

Nessa tarefa ele teve a ajuda do brasileiro Abreu e Lima, filho do Padre Roma (herói da revolução pernambucana de 1817, fuzilado pelas autoridades coloniais portuguesas). Abreu e Lima fugiu do Brasil após a derrota em 1817, e alistou-se no exército de Bolívar, com a patente de capitão. Daí vem seu apelido de "general das massas", que manteve até o fim da vida. Em 1830 voltou ao Brasil, e notabilizou-se por escrever o primeiro livro brasileiro sobre o socialismo, em 1855.

Bolívar acreditava que os povos sul-americanos só constituiriam um país grande e poderoso caso se mantivessem unidos. Assim, sua luta pela independência, começada na Venezuela, só terminou após o fim do domínio espanhol na América. A guerra começou na Venezuela em 1811; em 1813, as forças de Bolívar ocuparam Caracas, mas não conseguiram manter a cidade, retomada pelos espanhóis. Bolívar retirou-se então para Nova Granada (atual Colômbia) e depois para a Jamaica. Com a ajuda do presidente do Haiti, reorganizou suas forças e, em 1817, fixou-se nas planícies do rio Orenoco, unificou os *llaneros,* guerrilheiros locais, e transformou a região em base de operações. Dali partiu para sua mais audaciosa campanha militar, a travessia dos Andes. Em 1819, ocupou Bogotá, e foi nomeado presidente e ditador militar colombiano pelo Congresso local. A luta prosseguiu até 1820, quando os espanhóis foram vencidos.

No ano seguinte, reiniciou a guerra para reconquistar a Venezuela. Na Batalha de Carabobo, em 24 de julho de 1821, venceu as tropas coloniais, consolidando a independência da Venezuela. Um ano depois, foi a vez do Equador tornar-se independente. Ali, em 1822, encontrou-se com o libertador argentino José de San Martin que — após um acordo com Bolívar — renunciou a qualquer pretensão sobre o Peru.

Interesses das classes dominantes inviabiliza a Federação dos Andes

A guerra contra os espanhóis entrou na fase final. Em 1823 Bolívar domina Lima e, em agosto de 1824, venceu os espanhóis em Junin. Em dezembro de 1824, seu lugar tenente, o general José Antonio Sucre, venceu a batalha de Ayacucho, ficando praticamente encerrado o domínio espanhol na América. O Alto Peru transformou-se na atual Bolívia, assim batizada em homenagem ao Libertador.

O objetivo de Bolívar — uma poderosa Federação dos Andes, reunindo os países que libertou — parecia próximo de realizar-se. Entretanto, os interesses particularistas das classes dominantes locais foram mais fortes. Nos domínios portugueses, a existência da escravidão forneceu a base material que impediu a fragmentação do Brasil em várias pequenas repúblicas independentes. Um catalizador tão poderoso não existiu nos domínios espanhóis, e a enorme região libertada por Bolívar fragmentou-se, no correr do tempo em seis nações independentes entre si.

Bolívar contudo não abandonou seu sonho de unidade latino-americana, e em 1826 convocou um congresso continental, no Panamá, para criar alguma espécie de unidade continental dos países sul-americanos já independentes, inclusive o Brasil. Não teve êxito. Em 1830, aos 47 anos, morreu em Santa Maria, na Colômbia, pobre, esquecido e tuberculoso. Sua mortalha foi a camisa de um vizinho, e o enterro foi pago por outro.

É preciso não esquecer, finalmente, que Bolívar foi um lutador de sua classe, a aristocracia latifundiária *criolla* que, sob o domínio colonial espanhol, era relegada a uma cidadania de segunda categoria, apesar de ter o domínio econômico local. O liberalismo de Bolívar reflete isso: ao defender a igualdade de tratamento para os homens, ele refere-se aos de sua classe. Está longe de incluir em seu projeto político os pardos, os negros e os índios. A nação, para ele — como para seus pares — era formada apenas pelos brancos... Sua posição vacilante a respeito do fim da escravidão foi exemplo disso.

As limitações políticas do pensamento de Simón Bolívar, o Libertador

Apesar de republicano, Bolívar defendeu uma democracia restrita, por desconfiar que as massas populares usariam mau o direito de votar. Costumava citar estas palavras de Rousseau: "A liberdade é um alimento suculento, mas de difícil digestão. Nossos cidadãos terão de robustecer seus espíritos antes que possam dirigir o saudável nutriente da liberdade". E, a respeito da participação popular em eleições: "As eleições com a participação das populações rurais e urbanas acrescentam um obstáculo a mais à prática da federação, porque uns são tão ignorantes que votam maquinalmente e os outros são tão ambiciosos que acabam dividindo tudo".

Ele queria evitar que a democracia se formasse em "anarquia", e desconfiava do "perigo mais imediato e mais terrível" representado pelos governos populares. Por isso, defendia o voto censitário (isto é, apenas para os ricos) e um governo forte e centralizado — na verdade, uma ditadura para impôr o domínio de sua classe às camadas populares e às oligarquias locais.

Em 1842, doze anos após sua morte, sua memória foi resgatada do esquecimento pelo governo venezuelano. A independência estava consolidada, da mesma forma como os novos países surgidos da região. Naquele ano, os restos mortais de Bolívar foram solenemente trasladados para Caracas, dando início ao culto do *Libertador.*

(Carlos Henrique)

Os operários falam da greve

A *Tribuna Operária* foi à porta das fábricas ouvir os operários sobre a greve geral do dia 21 e todos acharam que a greve valeu.

"Há muito tempo que o povo não mostrava tanta união", ressaltou um operário da Ford. Há entre eles um consenso de que são necessárias "outras greves mais fortes, para mostrar que ninguém está contente".

Os operários da Ford elogiaram o trabalho da Comissão de Fábrica na paralisação da empresa; na Volks (acima) os operários acham que deveria ter parado tudo: "mas pra começo tá bom".

Na Ford do Ipiranga, em São Paulo, a paralisação foi total. A Comissão de Fábrica só permitiu que 14 pessoas do serviço essencial fossem trabalhar. "O resto parou tudo, até os mensalistas, o pessoal do escritório", afirmou um montador, há 12 anos na Ford. Um dos fatores do sucesso da greve nesta empresa é a existência da Comissão de Fábrica, respeitada pelos operários e temida pelos patrões.

"A turma da comissão fez reuniões, discutiu com todo mundo dentro da fábrica, explicando a necessidade da greve. E todo mundo seguiu a orientação".

> "A maioria voltou de cabeça erguida. Todo mundo queria parar"

O clima dentro da empresa é de ânimo, de quem sentiu a sua força. Um dos grevistas desabafou: "A maioria voltou animada, de cabeça erguida. Quase não tem gente reclamando do dia que não vai ganhar. Estava todo mundo querendo parar, dar seu protesto. E a gente viu que parou toda São Paulo; então foi uma vitória maior ainda". Uma das grandes reclamações dos trabalhadores foi os ônibus terem funcionado. "Se os ônibus e os trens tivessem parado, teria mais força o protesto. Mesmo assim foi um bom começo", falou um operário com um ano de firma. Outro acrescentou: "O que não está certo são os motoristas trabalharem; tem que parar nem que seja na marra".

Todos os metalúrgicos entrevistados pela **Tribuna Operária** na porta da Ford fizeram duras críticas à imprensa burguesa. "A imprensa não divulgou nada sobre a greve. Mentiu, dizendo que nada parou. Mas nós que saímos por aí, para verificar a paralisação, vimos que a greve foi forte, que quase nada funcionou". ressaltou um operário da estampa, há três anos na multinacional americana. Outro trabalhador disse: "Eu saí na rua para ver a greve, porque não dá para confiar mais na rádio e na TV que mentem muito".

Na porta da Volks, em São Bernardo do Campo, o clima também era de que "a greve valeu". Alguns achavam que a paralisação deveria ter sido maior. Um prensista esclareceu que "não foi um movimento errado. Mas tinha que ser mais bem feito, parar tudo mesmo". Já um ferramenteiro, da ala 8, achou que "para começo, tá bom. Foi o primeiro passo".

> "O operário de hoje não é mais aquele. Hoje ele vê as coisas longe"

Mas no geral, todos concordavam que "tinha que ter greve mesmo" como dizia um ferramenteiro indignado. "Quem está contente com isso aí? O operário de hoje não é mais aquele. Hoje ele vê as coisas longe. Hoje nós lemos jornais, livros, sabemos aquilo que nos interessa". Todos os operários consultados tinham consciência de que a greve foi contra a política do governo. "Enquanto não mudar a política deles, não adianta". declarou um ferramenteiro.

Existe uma crença generalizada de que vai haver outras greves gerais. Um operário afirmou: "Eu espero que venha uma de pelo menos uma semana". Um outro explica que "a gente está num estágio em que as próprias esposas da gente são as mais revoltadas".

No Rio Grande do Sul a greve contou com uma ampla adesão da população e um grevista da fábrica Coca Cola, em Porto Alegre, disse que "a greve valeu como expressão de descontentamento do povo, valeu para mostrar nossa situação aos lá de cima".

> "O pessoal tinha clareza que a greve era contra o governo"

Um piqueteiro da Coca Cola enfatizou: "Tivemos uma vitória maiúscula. Paramos cem por cento. O saldo foi positivo porque o pessoal aderiu, fez com consciência de que seria um alerta contra esta situação". Um outro relata que a greve "foi válida, mas era melhor que parasse todo mundo, teríamos mais força".

A fábrica de implementos agrícolas Massey-Fergusson, em Canoas, próximo a Porto Alegre, parou 95% e nem foi preciso organizar piquete. "O pessoal tinha clareza que a greve era contra o governo — afirmou um operário grevista. — Muitos que não acreditavam na greve vieram trabalhar e se sentiram envergonhados. Disseram que da próxima vez estarão na luta". Um outro metalúrgico achou que "esta greve foi um sucesso. Ninguém pensaria que Canoas iria parar".

Centreville um ano de luta

Com festa e alegria, os moradores do Centreville, São Paulo, comemoraram o primeiro aniversário da ocupação do Conjunto Habitacional. Foi com muita garra e luta que as 582 famílias que hoje ali moram conseguiram permanecer nas casas. Hoje o Centreville se tornou em exemplo. Depois dele diversos outros conjuntos foram ocupados pelo povo.

Na madrugada do dia 16 de julho do ano passado, mais de uma centena de pessoas chegaram amontoadas em três caminhões velhos para ocupar as casas abandonadas do Conjunto Habitacional Centreville, em Santo André, no ABC paulista. Daquela época até hoje os moradores se organizaram e enfrentaram a polícia, os vigilantes, ameaças de despejo judicial, mas não arredaram o pé na sua luta pelo direito à moradia. Foram à Caixa Econômica, ao BNH, e até ao Palácio do Planalto, exigindo a negociação para aquisição das casas.

Santo André é uma região industrial, com um grande número de favelas. Ao lado de uma delas se encontra o Centreville. Para a sua construção, a Caixa Econômica Estadual se envolveu num dos maiores escândalos financeiros dos últimos anos. Soltou bilhões de cruzeiros em financiamento para o grupo Centreville — formado por nove empresas — que não terminou a construção das casas e nunca pagou à Caixa. O conjunto estava abandonado há quatro anos quando os moradores da região resolveram ocupá-lo.

> **Os moradores reconhecem que essa conquista se deveu à luta de todos**

Hoje pode-se afirmar com certeza que todas as 582 famílias do Centreville participam da administração do Conjunto. Existe uma Comissão de Moradores, formada por representantes dos 44 blocos (cada bloco tem em média 12 casas). Todos os problemas são discutidos ali e as decisões acatadas por todos. Existe também a Associação dos Moradores, a União das Mulheres e a União dos Jovens. Essa experiência de trabalho comunitário e de luta comum marcou a maioria dos moradores. Severino Bernardes da Silva conta que "essa conquista dependeu da luta de todos". E explica o que representou para ele estar morando ali: "Antes eu pagava aluguel, mas estava para ser despejado. Estava desempregado e o aluguel já estava atrasado quatro meses".

A presença das mulheres nesta luta foi decisiva, afirma Maria da Penha, da União das Mulheres. "Muitas tinham dificuldades de participar da luta, por diversos motivos, mas hoje elas participam e todos reconhecem o seu trabalho". Edeiton Gomes da Silva é um dos que reconhecem o trabalho das mulheres. "Foi graças à coragem de minha mulher, que atravessou entre os policiais para conseguir esta casa, que estou podendo abrigar minha numerosa família de 11 pessoas".

Maria da Silva, uma das lideranças no Centreville, logo nos primeiros dias da ocupação das casas já alertava que "nós não vamos conseguir nada de graça, só com luta". E realmente foi o que aconteceu. Hoje os moradores já conseguiram água, instalação elétrica, rede de esgoto, telefone público e coleta de lixo. Agora o próximo passo é a luta por uma linha de ônibus e por uma creche. Além destas conquistas os ocupantes participam de forma efetiva das lutas gerais dos trabalhadores. Na greve do dia 21, fizeram várias assembléias para discutir de que forma eles participariam.

Esta experiência foi acompanhada com interesse por todo o Brasil. E as lições foram aprendidas, tanto que, alguns meses depois da ocupação do Centreville, outros conjuntos foram ocupados, seja no Pará, Rio de Janeiro ou Paraíba. A ocupação mais recente foi em Taubaté (veja o box).

A satisfação no rosto de uma moradora do Centreville, na sua casa.

Assembléia dos ocupantes do Conjunto Flor do Vale, em Taubaté.

400 casas ocupadas em Taubaté

No dia 12 de julho, as 400 casas do Conjunto Habitacional Flor do Vale, entre Taubaté e Tremembé, interior de São Paulo, foram ocupadas por famílias de trabalhadores, a maioria desempregados. O conjunto, que estava abandonado desde 1974, agora já mostra toda uma movimentação dos novos ocupantes. No dia 17 foi feita uma assembléia onde compareceram cerca de mil pessoas e estiveram presentes o deputado estadual Benedito Cintra (PMDB-SP), o vereador João Bosco, de São José dos Campos e o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté, Enéas Silva Santos.

João Bosco afirmou que "o primeiro passo foi fado, mas agora é preciso que se organizem para defender seus direitos". Alguns representantes do Conjunto Habitacional Centreville foram levar o seu apoio e a sua experiência, adquirida numa luta semelhante à dos ocupantes do Conjunto Flor do Vale. Foi tirada uma comissão de moradores e aprovado um estatuto com 14 pontos, que deverá ser respeitado por todos os ocupantes.

O presidente eleito da Comissão dos moradores foi Waldir Pedro Elias, um gerente de obras, atualmente desempregado. Waldir explica que cada família tem direito somente a uma casa e desde que não seja proprietária de outro imóvel. Cada ocupante deverá contribuir com Cr$ 500,00 por mês para pagar um advogado, pois no dia 18 a União de Construtoras — que se diz dona das casas — entrou com uma ação de reintegração de posse no Fórum de Taubaté. A Comissão pretende ir com os advogados até São Paulo propor a compra das casas.

Os moradores cantavam durante a assembléia: "Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira". Sandra Almeida, uma das 13 representantes da Comissão dos Moradores explicou que as casas foram financiadas pelo BNH e portanto "nessas casas aí está o suor de nossos maridos, o dinheiro de nosso fundo de garantia".

OCUPAÇÃO EM MARÍLIA

No dia 10 de julho também houve ocupação das casas vazias do Núcleo Habitacional Jardim Novo Horizonte, na cidade de Marília, também em São Paulo. AS 60 famílias que ocuparam as casas só retiraram com a promessa da Prefeitura de doar terrenos para que construam suas próprias moradias.

CEDIM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois